

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TÊXTIL E MODA

BÁRBARA SANTOS AIRES

Moda, Aparência Feminina e Revolução Grisalha

São Paulo

2023

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TÊXTIL E MODA

BÁRBARA SANTOS AIRES

Moda, Aparência Feminina e Revolução Grisalha

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Têxtil e Moda. Versão corrigida.

Área de concentração: Têxtil e Moda

Orientadora: Prof^a Dr^a Andrea Lopes

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da Escola de Artes, Ciências e Humanidades,
com os dados inseridos pelo(a) autor(a)
Brenda Fontes Malheiros de Castro CRB 8-7012; Sandra Tokarevicz CRB 8-4936

Santos Aires , Bárbara
Moda, Aparência Feminina e Revolução Grisalha /
Bárbara Santos Aires ; orientador, Andrea Lopes. --
São Paulo, 2023.
101 p: il.

Dissertacao (Mestrado em Ciencias) - Programa de
Pós-Graduação em Têxtil e Moda, Escola de Artes,
Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo,
2023.
Versão corrigida

1. Moda. 2. Aparência . 3. Revolução Grisalha .
4. Cabelo Branco e Grisalha . 5. Movimento
Feminista . 6. Revista ELLE Brasil . I. Lopes,
Andrea, orient. II. Título.

Nome: AIRES, Bárbara Santos

Título: Moda, aparência feminina e revolução grisalha

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências do Programa de Pós-Graduação em Têxtil e Moda. Versão corrigida.

Área de Concentração: Têxtil e Moda

Aprovado em: ___ / ___ / _____

Banca Examinadora

Presidente: Profa. Dra. Andrea Lopes _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

À todas as mulheres de cabelo branco e grisalho, que tanto me inspiraram e maravilharam ao longo da trajetória desta pesquisa, com sua força de vontade, coragem e beleza.

À minha querida avó Naide (*in memoriam*), que sempre me apoiou em todos os momentos da minha vida e, mesmo longe, sei que esteve sempre por perto.

Aos meus pais, Norberto e Salete, que me deram a vida e o melhor deles, para mim e para as minhas irmãs.

À minha mãe Salete e madrinha Selma, pela coragem e perseverança em assumirem o cabelo grisalho e branco, respectivamente, na pandemia.

A todos aqueles que acreditam em seus sonhos e em suas capacidades e não desistem diante das inúmeras dificuldades, porque elas nos fazem crescer e nos tornam mais fortes e preparados para a vida.

À minha querida orientadora, professora Dr.^a Andrea Lopes, pois sem o seu acolhimento, direcionamento e ensinamentos, não teria chegado tão longe.

Por fim, e não menos importante, a mim mesma. Me orgulho da minha trajetória, da minha essência e da contribuição científica produzida com tanta dedicação nestas páginas.

AGRADECIMENTOS

À Deus, amor supremo e força motriz em minha vida.

Aos meus pais, Norberto e Salete, pela vida e base familiar.

Às minhas irmãs, Daniela e Bruna, pelos laços consanguíneos e de afeto.

À minha querida orientadora, professora Dr.^a Andrea Lopes, pela parceria e por tantos aprendizados.

Aos professores doutores Cláudio Portugal, Isabel Italiano e João Paulo Marcicano, pela atenção, apoio, empatia e direcionamento.

Aos professores que participaram das bancas de qualificação e defesa de mestrado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de bolsa de mestrado.

Aos colegas do grupo de ensino, pesquisa e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS), pelo apoio, ajuda mútua e amizade. Em especial, ao Cristiano de Assis, pela solicitude, suporte tecnológico e metodológico, bem como sua amabilidade.

A todos os meus verdadeiros amigos que me apoiaram ao longo desta trajetória com o seu carinho e amizade.

À minha psicóloga Djiane Strelciunas, pelo suporte durante toda a trajetória.

À professora Dr.^a Cláudia Garcia, por ter me recebido no mestrado, no primeiro momento.

À Daniela de Bonis Coutinho, fundadora da comunidade do Facebook “Grisalhas assumidas e em transição”, pela atenção e disponibilidade em contribuir com as minhas inquietações de pesquisa e com a pesquisa.

Ao Antônio Teotônio do Nascimento (Téo), cabelereiro e profissional especialista em coloração, pela disponibilidade e participação como juiz da pesquisa.

A todos os servidores da Escola de Artes Ciências e Humanidades, em especial à equipe da secretaria de pós-graduação e da biblioteca, pelo apoio durante todo o percurso.

Às instituições de ensino Faculdade Santa Marcelina e Faculdade Armando Alvarez Penteadó (FAAP), por disponibilizarem gratuitamente o acervo da revista ELLE Brasil. Destaco os bibliotecários da Santa Marcelina: Gabriel dos Santos Arcaide, Tereza Komatsu, Vanessa Rodrigues Retamero e Aline da Silva Beccari. Igualmente, os bibliotecários da FAAP: Rodrigo Martins Garcia, Mônica Pereira da Costa e Elaine Bernardes Eufrásio. Obrigada a todos pela gentil recepção, disponibilidade e auxílio.

A todos aqueles que de forma direta ou indireta contribuíram para a realização deste trabalho, em especial, a Revista ELLE Brasil e a todas as mulheres que assumiram seus cabelos brancos e grisalhos!

*Que nada nos limite, que nada nos defina, que nada nos sujeite.
Que a liberdade seja nossa própria substância, já que viver é ser livre.*

Simone de Beauvoir

RESUMO

AIRES, Bárbara Santos. **Moda, Aparência Feminina e Revolução Grisalha**. 2023. 101p. Dissertação (Mestrado em Têxtil e Moda) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Orientação Profa. Dra. Andrea Lopes. Versão corrigida.

Na contemporaneidade, surge e ganha visibilidade um movimento social, de abrangência internacional, denominado revolução grisalha. Nele, mulheres de diversas idades estão assumindo os cabelos brancos e grisalhos como símbolo de libertação dos padrões sociais de origem patriarcal. Assim, a revolução grisalha tem caráter estético, identitário, político e individual. O objetivo da pesquisa foi investigar o movimento revolução grisalha e o seu alcance na moda, por meio da revolução das aparências femininas e seus significados. O primeiro estudo tratou-se de uma revisão de escopo envolvendo os termos cabelo branco e grisalho. Os resultados indicaram que ambos são entendidos como marcadores biológicos de envelhecimento, velhice e ser velho/idoso, sejam como sinônimos ou caracterização física. Derivam conjuntos de significados polarizados: autonomia, poder e libertação versus negação, decadência, perdas e estereótipos. O segundo estudo foi uma revisão narrativa, cujo objetivo foi caracterizar, discutir e documentar a produção existente sobre a revolução grisalha, principiante veiculada nas mídias. Observou-se uma tensão entre os discursos de libertação dos padrões de beleza normativos e a midiaticização do movimento como tendência de moda, que representa e reproduz perfis femininos tradicionalmente cultuados. Por fim, realizou-se um estudo de caso etnográfico sobre o conteúdo da revista ELLE Brasil. Buscou-se identificar e caracterizar o possível alcance do movimento na indústria da moda, por meio das aparências femininas. A análise apontou o alcance processual e ascendente, partindo da discreta presença inicial, seguida por sua visibilidade identitária, ampliação, legitimidade e sinais de naturalização. A tônica da revolução grisalha aparece nos diversos segmentos da revista. O ápice é a mais recente criação do chamado *look* grisalho como tendência e produto de moda, adotado por jovens fashionistas e estilistas, de forma artificial. Por meio do estudo da ELLE Brasil, conclui-se que o movimento revolução grisalha alcança a indústria da moda ao vermos sua presença refletida na capa, matérias, desfiles, *streetwear*, campanhas e editoriais de moda, com destaque para o conteúdo imagético e estético. Porém, ainda avança de forma a reforçar antigos padrões estéticos de beleza, por meio da inserção e destaque de mulheres com cabelo branco e grisalho que são brancas, magras e, a maioria, jovens. Novas pesquisas devem ser realizadas, considerando que se trata de um tema ainda muito pouco explorado no campo da Moda.

Palavras-chave: Moda. Aparência. Revolução Grisalha. Cabelo Branco e Grisalho. Movimento Feminista. Revista ELLE Brasil.

ABSTRACT

Aires, Bárbara Santos. **Fashion, Female Appearance and Revolution Gray**. 101 p. Dissertation (Master of Science) – School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2023. Mentor Dr. Andrea Lopes. Original version.

In contemporary times, a social movement, with an international scope, called the gray revolution, emerges and gains visibility. In it, women of different ages are assuming white and gray hair as a symbol of liberation from patriarchal social standards. Thus, the gray revolution has an aesthetic, identity, political and individual character. The objective of the research was to investigate the gray revolution movement and its reach in fashion, through the revolution of female appearances and their meanings. The first study was a scope review involving the terms white and gray hair. The results indicated that both are understood as biological markers of aging, old age and being old/elderly, either as synonyms or physical characterization. They derive sets of polarized meanings: autonomy, power and liberation versus denial, decadence, losses and stereotypes. The second study was a narrative review, whose objective was to characterize, discuss and document the existing production on the grisalha revolution, just beginning, conveyed in the media. A tension was observed between the discourses of liberation from normative beauty standards and the mediatization of the movement as a fashion trend, which represents and reproduces traditionally worshiped female profiles. Finally, an ethnographic case study was carried out on the content of the magazine *Elle Brasil*. It sought to identify and characterize the possible reach of the movement in the fashion industry, through female appearances. The analyzes pointed to the procedural and ascending reach, starting from the discreet initial presence, followed by its identity visibility, expansion, legitimacy and signs of naturalization. The tonic of the gray revolution appears in the various segments of the magazine. The apex is the most recent creation of the so-called gray look as a trend and fashion product, artificially adopted by young fashionistas and stylists. Through the study of *ELLE Brasil*, it is concluded that the gray revolution movement reaches the fashion industry when we see its presence reflected in the cover, articles, fashion shows, streetwear, campaigns and fashion editorials, with emphasis on the imagery and aesthetic content. However, it still advances in order to reinforce old aesthetic standards of beauty, through the insertion and highlight of women with white and gray hair who are young, white and thin. New research must be carried out, considering that this is a subject that is still very little explored in the field of Fashion.

Keywords: Fashion. Appearance. Revolution Gray. White and Gray Hair. Feminist Movement. *ELLE Brasil Magazine*.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	12
2. OBJETIVOS	13
2.1 Objetivo geral	13
2.2 Objetivos específicos	13
3. ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO	14
4. ESTUDO 2: Revisão grisalha: libertação e mediação	16
5. ESTUDO 3: Moda, aparência feminina e revolução grisalha na revista ELLE Brasil	43
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
7. REFERÊNCIAS	78
8. APÊNDICE 1	79
ESTUDO 1: Usos e significados do cabelo branco e grisalho: uma revisão de escopo	80

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

A moda não se limita apenas ao vestuário. De acordo com Pollini (2009, p.17), “a moda está mais relacionada a um conjunto de fatores, a um sistema de funcionamento social, do que especificamente às roupas, que são apenas a ponta deste *iceberg*”. Para Lacerda, Queiroz e Rocha (2013), a moda é um fenômeno social amplo e o vestuário é um produto que, ao ser elaborado pelos indivíduos, contém a síntese deste valor e contexto. Para Hoeks e Post (2006), enquanto a indústria do vestuário vende produtos, a indústria da moda comercializa significados.

Por meio dos elementos da moda, “as pessoas interpretam determinada forma de cultura para seu próprio uso” (CRANE, 2006, p. 21), compondo a sua identidade enquanto indivíduo. Banard (2003) amplia o argumento e indica que a moda é uma das maneiras pelas quais um grupo constrói e comunica sua identidade. A construção da identidade ocorre por meio da construção da própria aparência e vice-versa. Segundo Yokomizo e Lopes (2019, p. 239), pode-se entender como aparência o “conjunto de aspectos físicos, comportamentais, atitudinais, estéticos e simbólicos construídos e externalizados pelos indivíduos ou grupos, compondo sua apresentação pessoal ou coletiva”.

De acordo com Crane (2006) e Assunção (2017), a moda pode ser entendida como um mecanismo que comunica e reflete o funcionamento e as mudanças de uma sociedade. Igualmente, as escolhas estéticas de um indivíduo, pertencente a um grupo e cultura. Por isso, a indústria da moda deve estar atenta aos movimentos sociais vigentes em seu tempo.

Diversos movimentos sociais acabaram por influenciar a moda de uma determinada época, como por exemplo, o movimento hippie norte-americano nos anos 1970. Segundo Pollini (2007), os ativistas buscavam uma nova forma de vida que estabelecesse relações sociais mais harmônicas, pregando o discurso da não violência e a valorização da natureza. A autora complementa que nos anos 1970 também ocorreu o movimento *punk*, que se opunha aos valores da burguesia inglesa fazendo uso do ceticismo, da subversão e do humor ácido. Ambos os movimentos geraram impactos internacionais na maneira de se vestir, pensar e se comportar na sociedade da época.

Na contemporaneidade, observa-se um movimento de abrangência internacional denominado revolução grisalha, em que mulheres jovens e maduras estão assumindo os cabelos brancos e grisalhos. O movimento vem ganhando visibilidade ao ser difundido nas diversas mídias, formais e informais. O fato de mulheres famosas aderirem aos

cabelos naturalmente brancos e grisalhos têm dado uma maior notoriedade ao movimento e incentivado outras mulheres a fazerem o mesmo. Outro fator que tem impulsionado a revolução grisalha são os perfis no Instagram e as comunidades abertas e fechadas no Facebook, como “Grisalhas assumidas e em transição”, “Cabelos brancos e grisalhos”; “Lindas e grisalhas” e “Grombre”.

Diante da expressividade e expansão da revolução grisalha na atualidade, faz-se necessário entender com mais profundidade a sua dinâmica, em especial, no que se refere à indústria da moda. A moda vem se apresentando como um agente social bastante envolvido com a proposta do movimento, algo que motivou a presente dissertação. No entanto, apesar de ser um assunto bastante presente no debate atual, constatou-se que a produção científica a esse respeito ainda é muito tímida, especialmente no âmbito dos estudos de moda.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Investigar o movimento revolução grisalha e o alcance na moda, por meio da construção da aparência feminina.

2.2 Objetivos específicos

2.1. Realizar uma revisão de escopo a fim de identificar, na produção científica, os usos e significados de cabelo branco e grisalho;

2.2. Realizar uma revisão narrativa sobre o movimento revolução grisalha, buscando investigar o seu surgimento, características, discurso e veiculação nas diversas mídias;

2.3. Identificar e caracterizar o alcance do movimento revolução grisalha na indústria da moda, por meio de um estudo de caso etnográfico das imagens e conteúdos textuais envolvendo a construção das aparências femininas veiculadas na revista ELLE Brasil.

3. ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

A presente dissertação foi produzida em formato de coletânea de artigos/manuscritos, atendendo às atuais normas do Programa de Têxtil e Moda.

O primeiro estudo, que buscou identificar a produção de literatura em torno do tema cabelo branco e grisalho, encontra-se no Apêndice 1. Trata-se de um manuscrito intitulado “Usos e significados do cabelo branco e grisalho: uma revisão de escopo”, que procura atender à exigência do Programa de produção e submissão de um manuscrito derivado do tema do mestrado, antes do depósito. É indicado que a leitura da dissertação seja iniciada por este primeiro estudo.

O respectivo manuscrito foi submetido no dia 25/07/2022 à revista *Kairós Gerontologia*, que tem classificação Qualis B1 (quadriênio 2017-2020). Como não houve um retorno por parte da revista, foi solicitada a retirada do manuscrito na plataforma e submetido no dia 14/12/2022 à revista *Ártemis*, que tem classificação Qualis C (quadriênio 2017-2020). Destaca-se que o depósito foi realizado antes da divulgação das novas classificações das revistas. Na ocasião, a revista era classificada como B2.

Este primeiro estudo foi fundamental para o delineamento dos dois estudos subsequentes. Identificou-se os usos e significados dos termos cabelo branco e grisalho atribuídos na literatura científica. Percebeu-se que alguns significados se relacionavam com as motivações e desdobramentos do movimento revolução grisalha, como: libertação, autenticidade e compensação.

O segundo estudo abre a dissertação e é intitulado “Revolução grisalha: midiatização e libertação”. Foi submetido no dia 29/03/2022 e publicado em janeiro de 2023 na Revista *Mídia e Cotidiano*. A revista tem qualificação Qualis B1 (quadriênio 2017-2020). Este artigo visa atender o segundo objetivo da pesquisa. No geral, os resultados alcançados indicaram uma tensão entre os discursos de teor libertário difundidos pelo movimento e a midiatização que divulgou e difundiu o movimento como uma tendência de moda, de caráter ainda restritivo.

O terceiro e último estudo igualmente compõe a dissertação e atende o terceiro objetivo específico. Trata-se de um manuscrito intitulado “Moda, aparência feminina e revolução grisalha na revista *Elle Brasil*”. O material foi submetido no dia 29/03/2023 na Revista *Estudos Feministas*. Esta revista apresenta classificação Qualis A1 (quadriênio 2017-2020). A análise dos dados apontou que os preceitos da revolução grisalha marcam

presença sucessiva ao longo dos últimos 33 anos na revista, em todas as sessões analisadas.

Ao final da dissertação, tem-se as considerações finais envolvendo a temática de estudo, bem como as referências presentes no item Introdução.

Destaca-se que a presente dissertação faz parte dos estudos elaborados pelo grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS), coordenado pela orientadora da pesquisa. A pesquisa recebeu apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por intermédio da concessão de bolsa de mestrado.

4. ESTUDO 2 – Revisão grisalha: libertação e mediação

Revista Mídia e Cotidiano

ISSN: 2178-602X

Artigo Seção Livre

Volume 17, Número 1, p. 135 a 159

Jan. - Abr. de 2023

Submetido em: 29/03/2022

Aprovado em: 24/11/2022

Revolução grisalha: libertação e midiatização¹

Revolution Gray: liberation and mediatization

Revolución Gris: liberación y mediatización

Bárbara Santos AIRES²

Andrea LOPES³

Resumo

Na contemporaneidade, surge e ganha visibilidade um movimento social feminino, de abrangência internacional, denominado revolução grisalha. Nele, mulheres de diversas idades estão assumindo os cabelos brancos e grisalhos. O objetivo da pesquisa foi realizar uma revisão narrativa, a fim de caracterizar, discutir e documentar a produção a respeito da temática. A seleção do material foi feita no ano de 2021 utilizando-se os termos “revolução grisalha”, “cabelo branco”, “cabelo grisalho” e “poder grisalho”, tanto no português como no inglês. Foram consultadas fontes primárias e secundárias. A análise do material levantado indicou uma tensão entre os discursos de libertação dos padrões de beleza normativos e a midiatização do movimento como tendência de moda, que representa e reproduz perfis femininos tradicionalmente cultuados.

Palavras-chave: Revolução Grisalha; Aparência; Cabelo Branco e Grisalho; Mídias e Redes Sociais.

Abstract

In contemporary times, a women's social movement, of international scope, called the revolution gray, appears and gains visibility. In it, women of different ages are taking on white and gray hair. The objective of the research was to carry out a narrative review in order to characterize, discuss and document the production on the subject. The selection of the material was made in the year 2021 using the terms “revolution gray”, “white hair”, “gray hair” and “gray power”, both in Portuguese and English. Primary and secondary sources were consulted. The analysis of the material collected indicated a tension between the discourses of liberation from normative beauty standards and the mediatization of the

¹ O artigo na íntegra está disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/53714>

¹ O estudo recebeu apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por intermédio da concessão de bolsa de mestrado.

² Consultora de Imagem, Estilo e Cor. Bacharel e mestranda em Têxtil e Moda, ambos os cursos pela Universidade de São Paulo (USP). Bolsista CAPES. Integrante do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS). E-mail: barbara.aires@usp.br. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-1820-8734>

³ Antropóloga, Docente das Graduações e Pós-Graduações de Gerontologia e de Têxtil e Moda da Universidade de São Paulo, coordenadora do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS), site www.sites.usp.br/grupoeaps. E-mail: andrealopes@usp.br
Orcid ID: <http://orcid.org/0000-0002-7680-8618h>

movement as a fashion trend, which represents and reproduces traditionally worshiped female profiles.

Keywords: Revolution Gray; Appearance; White and Gray Hair; Media and Social Networks.

Resumen

En la época contemporánea, aparece y gana visibilidad un movimiento social de mujeres, de alcance internacional, llamado la revolución gris. En él, mujeres de distintas edades van luciendo canas y gris. El objetivo de la investigación fue realizar una revisión narrativa con el fin de caracterizar, discutir y documentar la producción sobre el tema. La selección del material se realizó en el año 2021 utilizando los términos “revolución gris”, “pelo blanco”, “pelo gris” y “poder gris”, tanto en portugués como en inglés. Se consultaron fuentes primarias y secundarias. El análisis del material recolectado indicó una tensión entre los discursos de liberación de los estándares normativos de belleza y la mediatización del movimiento como tendencia de moda, que representa y reproduce perfiles femeninos tradicionalmente venerados.

Palabras clave: Revolución Gris, Apariencia; Pelo Blanco y Gris; Medios y Redes Sociales.

Introdução

Com o processo de envelhecimento, de natureza biopsicosociocultural e que ocorre ao longo da vida, as características físicas, parte dos aspectos constituintes da construção da aparência, vão se modificando. Segundo Neves (2016), os signos associados à velhice, como as rugas e os cabelos brancos, tradicionalmente são entendidos como uma desgraça a ser evitada, pois remetem à noção de decadência física e debilidade. Em razão dessa compreensão, ao surgirem os primeiros fios de cabelo branco, algumas mulheres passam a arrancá-los ou tingi-los, a fim de manterem sua apresentação pessoal e social vinculadas aos padrões e estereótipos vigentes.

Os padrões de beleza, também socialmente construídos e que imperam sobremaneira nos corpos das mulheres, estão ligados ao mito da eterna juventude. Por sua vez, este organiza-se igualmente de forma idealizada em torno do corpo jovem, esbelto e firme (LIPOVETSKY; SERROY, 2015). Tais padrões incluem os cabelos, que são parte integrante da trajetória de vida dos corpos humanos e elemento presente na construção da

aparência e seus significados. Os cabelos também são parte constituinte das identidades, seja dos indivíduos, seja dos coletivos, em determinadas culturas e períodos históricos (QUINTÃO, 2013; MOURA, 2007).

Neste sentido, no cenário contemporâneo surge um movimento internacional denominado revolução grisalha, liderado por mulheres de todas as idades, famosas ou anônimas, que estão adotando os cabelos brancos e grisalhos. Ao longo do isolamento recomendado no combate à pandemia por Covid-19 e as novas formas de vida cotidiana, o ato de adotar os cabelos brancos e grisalhos vem cercado pela construção e divulgação organizada de um discurso de naturalização do envelhecimento e da aparência dos cabelos entendido como positivo, especialmente nas diversas mídias. Na fala de muitas mulheres presentes em redes sociais, integrantes e apoiadoras da iniciativa, ao invés do verbo adotar usa-se assumir, não apenas os cabelos brancos, mas também uma nova condição feminina, mediada pela construção da aparência. O cotidiano processando novas linguagens e narrativa (STECANELA, 2009).

Por se tratar de um tema recente e original, verificou-se que a produção científica é muito escassa, sem a existência de dados robustos. O debate ainda está centrado na internet, redes sociais, publicidade e propaganda, jornalismo de moda, programas televisivos e nas publicações produzidas pelas próprias engajadas no movimento. Por meio desses veículos de comunicação, de maior ou menor alcance, observa-se um franco processo de educação informal sobre a revolução grisalha, que populariza novas formas de apresentação pessoal e coletiva em torno da temática do envelhecimento. Nesse universo, o movimento vem se expandindo, inclusive, entre diversas indústrias de moda e correlatas.

Em estudo de revisão sobre as mídias como agentes de educação informal no envelhecimento, Yokomizo e Lopes (2018) apontam a centralidade das diversas mídias na produção levantada. As autoras indicam que a educação informal constitui mecanismo social espontâneo, fruto das relações cotidianas ao longo da vida realizadas na comunidade, no lazer, no trabalho, na família e entre amigos. Nesse tipo de educação cotidiana, a interação ensino e aprendizagem não é consciente, padronizada, nem necessariamente regular (DIB, 1988; GASPAR, 2002).

Considerando tal cenário social contemporâneo, realizou-se uma revisão narrativa, buscando realizar uma primeira aproximação do assunto. Segundo Rother (2007), a revisão narrativa trata de um método amplo de busca de informações, não necessariamente sistemático. Trata-se de uma forma metodológica apropriada para

levantar, descrever ou discutir o desenvolvimento de um determinado assunto pouco conhecido, sob o ponto de vista teórico ou contextual. Ainda, segundo a autora, as revisões narrativas não necessariamente “informam as fontes de informação utilizadas, a metodologia para busca de referências, nem os critérios utilizados na avaliação e seleção dos trabalhos” (ROTHER, 2007, p. 1).

Neste contexto, a seleção do material foi feita entre os dias 15/06 e 13/09 de 2021 utilizando-se os termos “revolução grisalha”, “cabelo branco”, “cabelo grisalho” e “poder grisalho”, tanto no português como no inglês. Foram selecionados, de forma aleatória e espontânea, os conteúdos que abordassem o assunto referentes a adoção de cabelos brancos e grisalhos por mulheres e a revolução grisalha.

As buscas ocorreram no Google; Google Acadêmico; nos sites comerciais de literatura da livraria Cultura e Amazon; bem como nas redes sociais YouTube, Instagram e Facebook; esta última principalmente em comunidades destinadas às mulheres que adotam os cabelos brancos e grisalhos. O uso de fontes públicas generalistas, comunitárias e de fácil acesso visou entender o alcance popular não especialista da temática. Obteve-se conteúdos que foram localizados em livros, documentários, artigo científico, reportagens, revistas de moda, entrevistas, redes sociais, publicidade, sites e postagens diversas.

Dessa forma, o objetivo da revisão narrativa foi caracterizar, discutir e documentar o movimento revolução grisalha na atualidade. Ainda, a partir do material selecionado, buscou-se organizar reflexões e questões de pesquisa visando contribuir e estimular o delineamento de pesquisas mais robustas nos campos da comunicação, moda e gerontologia.

Envelhecimento e cabelo branco

O envelhecimento é um processo universal e, ao mesmo tempo, heterogêneo (NERI, 2013). Segundo Phillipson e Walker (1986, apud NEVES, 2020), o envelhecimento constitui-se como um processo igualmente dinâmico. Nesse sentido, suas características são fruto, inclusive, de processos socioculturais e históricos. Elas estão inseridas e constituem práticas cotidianas, coletivas, individuais, além de estruturas comunicacionais e discursivas. Por isso, o envelhecimento é cada vez mais entendido como o produto de uma complexa interação entre fatores orgânicos, psíquicos, emocionais e socioculturais.

Dado ao seu dinamismo e multideterminação, durante o processo de envelhecimento humano o cabelo se transforma. Para Mauss (1934), os cabelos passam por diversas fases ao longo da vida de uma pessoa, seja de ordem biológica ou cultural. Ao representar a moldura do rosto, o cabelo torna-se um elemento constituinte da identidade individual e coletiva (FIALHO; MIRANDA, 2021). Pode variar de acordo com o papel desempenhado pelo indivíduo em uma determinada sociedade ou grupo (MIRANDA; FIALHO, 2017). Sendo assim, o cabelo é um componente da aparência facilmente passível de intervenção cultural, de ser modificado conforme um conjunto de crenças, valores, punições e expectativas de uma época e grupo cultural.

Culturalmente, intervir na ordem natural dos cabelos trata-se de uma forma de subjetivar, apropriar-se da própria aparência e transformá-la, para que ela se torne um elemento de comunicação identitária. Nesse âmbito, dinamismo e heterogeneidade humana se complementam. Desta forma, surgem novas identidades, novas formas de se reconhecer e de interagir com o mundo (FIALHO; MIRANDA, 2021). Ao mesmo tempo, deixar de manipular o cabelo por meio do tingimento, por exemplo, pode também ser visto como uma maneira de apropriação simbólica da aparência em termos do estabelecimento de uma relação direta com os sinais do processo orgânico do envelhecimento, como o embranquecimento dos cabelos.

Para Patrícia Catarina, mestre em gerontologia social, em matéria de Bessas (2020), a dificuldade em aceitar o envelhecimento e os seus sinais está diretamente relacionada à ausência de uma estética da beleza no envelhecimento. Segundo Patrícia, somos estimulados a seguir a estética da juventude de forma que a ruga e o cabelo branco, entendidos como principais componentes de identificação de uma pessoa mais velha, se tornem elementos a serem rejeitados. Para Hita (2005) a beleza e a velhice são vistas como inconciliáveis, antagônicas. Por essa perspectiva, perceber o passar dos anos e os entendidos negativamente como sinais de envelhecimento podem afetar a autoestima, conforme Salinete (2018). Nessa configuração social, entende-se que a aparência não está mais de acordo com os padrões estéticos sociais de beleza esperados e, muitas vezes, desejados, causando transtornos aos sujeitos.

De acordo com Yokomizo e Lopes (2019, p. 291), ainda nos tempos atuais, “em diversas culturas, a juventude é entendida como um valor, que deve ser conquistado e mantido através de formas de consumo e em qualquer idade, principalmente pelas mulheres”. Sendo assim, deixar de fomentar a indústria do consumo idealizado e do mito da beleza repressor da heterogeneidade das experiências de envelhecer voltado ao alcance

da juventude eterna, acaba sendo entendido e defendido por seu oposto, como uma forma de libertação e autenticidade (KREAMER, 2007). Conforme a pesquisa aqui empreendida, essa tem sido a tônica da narrativa construída por grupos que vêm investindo no movimento social contemporâneo popularmente denominado revolução grisalha, especialmente presentes em diversos veículos de comunicação.

Revolução grisalha

A revolução grisalha consiste em um movimento social especialmente feminino, de escala internacional. Segundo Touraine (1998), movimento social é uma forma de resistência a um modelo de dominação social contra a qual se invocam valores e orientações gerais da sociedade. Sendo assim, os movimentos sociais lutam pela democratização das relações sociais. De acordo com Goss e Prudêncio (2004), a construção do sujeito como ator social só se concretiza como movimento social com a contestação da lógica da ordem. Ainda, segundo os autores, na sociedade contemporânea a resistência ao poder se apoia na defesa do sujeito. Os movimentos sociais de cunho identitário lutam pelo reconhecimento de suas particularidades e diferenças, ou seja, por questões particulares. Porém, o tipo de debate que eles provocam na sociedade acaba tocando em temas que afetam a estrutura social e a sua própria constituição.

Segundo Fialho e Miranda (2021), o fato de as mulheres assumirem os cabelos brancos nos dias de hoje é o reflexo do processo de conquista do poder social iniciado nas décadas de 1950 e 1960 do século XX. Para os autores, a industrialização acelerada no pós-segunda Guerra Mundial, a revolução cultural e a contracultura nos anos 60 europeias e estadunidenses proporcionaram uma mudança de comportamento social. Pereira (2016) entende a contracultura como um movimento social libertário que se contrapunha aos valores da sociedade ocidental. Neste diálogo, Fialho e Miranda (2021) identificam que a contracultura acabou por influenciar, por sua vez, o movimento feminista no Brasil; o qual passou a se organizar na luta contra opressões que aconteciam no âmbito privado das mulheres; fruto, em especial, do patriarcado (LERNER, 2019).

Na década de 1970, um outro movimento social emancipatório entendido como precursor da revolução grisalha trata-se dos Panteras Cinzentas (no original, Gray Panthers). Segundo a discussão proposta por Mendes *at al.* (2014), este movimento defendia uma nova atitude e cultura para superar a exclusão, o isolamento e o paternalismo pelos quais os idosos eram vítimas. A iniciativa, ainda, rejeitava os mitos e

os estereótipos sobre o envelhecimento, em especial, de ordem idadista, uma forma de preconceito etário.

A partir do início do século XXI, observa-se o surgimento de sites e redes sociais que passam a reunir interessados em adotar os cabelos brancos e grisalhos, popularizando a iniciativa. Nessa direção, um exemplo internacional é o site Revolution gray (criado em 2006). Já no âmbito nacional, em 2016, é criada a rede social Grisalhas assumidas e em transição. Em ambos os cenários, os discursos organizam-se a partir das percepções de cansaço e submissão ao ritual regular de tingimento dos cabelos. Além disso, ainda é possível observar que esses canais de comunicação digitais estabelecem uma rede de conexão e apoio entre as participantes, fortalecendo e impulsionando o movimento revolução grisalha. Em 14 de agosto de 2017, a revista IstoÉ (2017) publica em seu site a reportagem intitulada: Revolução grisalha: adeus tinturas, cabelos brancos estão na moda.

A revisão narrativa sobre o tema aqui empreendida, que se debruçou sobre fontes mais recentes relacionadas ao movimento, indicou que mulheres de diversas idades apoiadoras da iniciativa relatam assumir os cabelos brancos e grisalhos em nome da defesa de uma noção mais naturalista do processo de envelhecimento. Nesta linha, Araújo (2019) debate que o cabelo branco não é exclusividade de mulheres mais velhas, pois há relatos de mulheres na faixa etária dos 20 anos ou até menos que experienciam o embranquecimento dos seus cabelos.

Segundo Miranda e Fialho (2017) e Fialho e Miranda (2021), a aceitação do embranquecimento dos cabelos sempre foi uma prática quase que exclusiva para os homens. Socialmente, entende-se que para os homens os cabelos grisalhos evocam um charme ligado à maturidade, experiência e segurança afetiva, tornando-os sexualmente atraentes. Entre os midiáticos da atualidade, há diversos homens de cabelos brancos e grisalhos que são tidos como símbolos sexuais. De acordo com a equipe de conteúdo do site Ferricelli (2017), alguns famosos são considerados mais atraentes com os cabelos grisalhos, como é o caso dos atores estadunidenses Richard Gere e George Clooney, assim como o ator brasileiro Reynaldo Gianecchini. Já para as mulheres, segundo Fialho e Miranda (2021), os cabelos brancos e grisalhos são vistos como um sinal de desleixo, de uma velhice assexuada e desinteressante. D'Elboux (2016) e Barros (2021) questionam a disparidade da conotação dos cabelos brancos e grisalhos entre homens e mulheres em reportagens veiculadas em mídias online.

No Brasil, destacam-se, ainda, dois documentários sobre o movimento. O primeiro, intitulado *Branco & Prata* (2019), conta as “histórias de mulheres que decidiram parar de pintar seus cabelos para exibir a beleza dos fios brancos e prateados”⁴. O segundo denomina-se *Grisalhas* (2019): “um documentário etnográfico de curta-metragem sobre mulheres que decidiram assumir seus cabelos brancos. As entrevistadas narram suas motivações e o histórico desse processo criando uma reflexão sobre envelhecimento feminino, liberdade e padrões estéticos”⁵.

Nessa linha, na indústria cinematográfica da virada do século XXI, surgiram personagens icônicas de cabelos brancos e grisalho, como Meryl Streep no filme *O diabo veste Prada*, de 2006. A atriz interpretou uma editora de revista de moda que tinha cabelos brancos, conforme indica a Figura 1.

Figura 1: A atriz Meryl Streep interpretando a editora de moda Miranda Priestly com cabelos brancos no filme “O diabo veste Prada” (2006)



Fonte: Revista Vogue (2021).

⁴ Trecho que apresenta o documentário *Branco & Prata* no YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DHoQq9ESvss>>. Acesso em: 09/09/2021.

⁵ Trecho que apresenta o documentário *Grisalhas* no Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KWCnfQyK7gE>>. Acesso em: 10/09/2021.

Para Kreamer (2007), a personagem Miranda Priestly é a personificação do charme elegante e absolutamente anti-avó. Esta personagem vem romper com o padrão estereotipado construído socialmente a respeito da velhice para as mulheres. Para Hita (2005):

Na velhice da mulher sai de cena a imagem da mulher de formas perfeitas, corpo sensual ou símbolo sensual, evoca-se a figura da avó. Sem as possibilidades e atributos dessa mulher – real ou idealizada – à imagem da mulher velha é conotada a fragilidade, apatia, dependência, etc., típica dos estereótipos das avós (HITA, 2005, p. 110).

O fato da personagem Miranda Priestly ter os cabelos brancos, mas não constituir uma narrativa ou apresentar o estereótipo de fragilidade, apatia e dependência, fortalece o debate em torno dos símbolos associados à aparência da velhice feminina. Para Pereira (2019), as representações construídas socialmente sobre a mulher na velhice são repletas de estereótipos. Na contemporaneidade, tais estereótipos e significados a respeito do envelhecimento têm sido relativizados, especialmente por meio da educação informal, com maior vulto a protagonizada pelas diversas mídias, que ora se apresentam como palco para o debate, ora como fonte de inspiração e influência. Mediante este cenário, organizam-se perguntas para investigação: a onda crescente de ordem midiática vem estabelecendo novos estereótipos, padrões e exigências, igualmente aprisionadoras e repressoras, em relação à adoção dos cabelos brancos e grisalhos? Qual o papel e contribuições das diferentes mídias nos contornos do movimento e dos seus efeitos nas mentalidades em torno dessas novas práticas da construção da aparência no cotidiano?

Considerando “os sistemas de moda como sistemas comunicativos” (MARQUES, 2013, p. 128), a indústria da moda também tem demonstrado interesse em se aproximar do movimento, ao contratar modelos grisalhas para editoriais e desfiles. Em 2019, a cantora estadunidense Rihanna contratou a modelo de longos cabelos grisalhos Joani Johnson, de 67 anos, para compor o *casting* da campanha que lançou a sua grife de luxo chamada *Fenty*. Nessa direção, destaca-se que há diversas modelos nacionais e internacionais grisalhas que estão transitando com maior frequência na indústria da moda, como é o caso da francesa Yasmina Rossi (65 anos), a americana Kristen McMenamy (56 anos) e a brasileira Rosa Saito (70 anos) (Figura 2).

Figura 2: A modelos grisalhas, da esquerda para a direita e de cima para baixo, Rosa Saito, Yasmina Rossi, Kristen McMenamy e Joani Johnson



Fonte: Painel organizado pelos autores.

Campanhas publicitárias veiculadas em redes sociais de grandes marcas do segmento da moda nacional e internacional – como a Zara, Shoulder (Figura 3) e Renner – estão sendo produzidas com modelos grisalhas. Parece que o verbo assumir vem se estabelecendo em um duplo território interseccionado: das cabeças e do mercado em torno delas.

Figura 3: Campanha publicitária estrelada por modelo grisalha e veiculada no Instagram da marca Shoulder



Fonte: Instagram @rosa.saito (2021).

O fato de mulheres famosas adotarem publicamente em diversos veículos midiáticos os cabelos naturalmente embranquecidos parece formalizar e reiterar a construção do movimento da revolução grisalha nas relações e narrativas do cotidiano (CERTEAU, 1998; STECANELA, 2009). Nos Estados Unidos já se apresentaram com cabelos brancos e grisalhos as atrizes Jane Fonda, Jamie Lee Curtis e Salma Hayek. No Brasil, são também muitas as famosas que demonstraram aproximação ao movimento: Sandra Annenberg, Constanza Pascolato, Cássia Kiss, Fernanda Montenegro, Rita Lee e Vera Holtz. A Figura 4 apresenta alguns exemplos dessas grisalhas famosas.

Figura 4: As famosas, da esquerda para a direita e de cima para baixo, Sandra Annenberg, Constanza Pascolato, Jane Fonda e Vera Holtz, que optaram pela adoção dos cabelos brancos e grisalhos



Fonte: Painel organizado pelos autores.

Com base nos exemplos citados anteriormente de famosas e celebridades adeptas ao movimento, questiona-se: qual o perfil socioeconômico e o biotipo das participantes? Trata-se de um movimento amplamente heterogêneo e democrático que, de fato, representa os diversos perfis de mulheres, especialmente entre as mais velhas? Nesta direção, tanto os discursos, quanto as imagens veiculadas em torno do movimento levantadas na presente pesquisa, denotam a representação de mulheres que imprimem poder, força, segurança e confiança na construção das aparências. No entanto, observou-se um biotipo majoritário e recorrente branco, alto e magro, para além do marcador comum, que são os cabelos brancos e grisalhos. Assim, questiona-se se a noção de liberdade, por meio da midiatização do movimento, não vem privilegiando e constituindo novas expectativas em torno de tipos e *ethos* sociais já tradicionalmente saudados pela indústria da moda e dos cosméticos. Ainda, destaca-se, também, que boa parte dessas mulheres não está necessariamente na velhice.

No fluxo da constituição do movimento, observa-se os efeitos dos conteúdos midiáticos nos relatos presentes de mulheres anônimas obtidos no material virtual levantado. No documentário *Grisalhas*, por exemplo, uma das participantes afirma a

importância de ter a referência de pessoas famosas que assumem os cabelos brancos como fonte de inspiração e autoridade, fortalecendo a coragem de igualmente assumir os fios brancos. Segundo a participante, com base na aparência do cabelo da famosa, ela sente que não está nem louca e nem sozinha, de que é possível gostar dos fios de cabelo branco e mantê-los. Percebe-se que esta referência se edifica principalmente nas relações entre pares, ou seja, com mulheres famosas que estão na mesma faixa etária que ela. Pertencimento, propósito, identificação e apropriação etária constituem a narrativa por meio da quase indulgência pública, representada pelo poder de subjetivação das famosas perante as anônimas. Famosas essas que representam biotipos normativos. Liberdade e midiaticização estabelecem uma relação ora de trocas ora de submissão a antigos estereótipos. Com a pandemia, essa tensão é reforçada.

Revolução grisalha e pandemia por Covid-19: a cena contemporânea

A pandemia da Covid-19, que se proliferou em escala mundial a partir do ano de 2020, seguida da reclusão social como medida de contenção da contaminação pelo coronavírus, aproximou as mulheres da adoção dos cabelos brancos, sejam pessoas comuns ou celebridades. Artistas brasileiras como Samara Felipo, Astrid Fontenelle, Ana Fonte, Glória Pires, Preta Gil e Renata Vasconcelos são exemplos de famosas que anunciaram publicamente a adoção dos fios brancos na pandemia. A Figura 5 apresenta as imagens de algumas das celebridades anteriormente citadas.

Figura 5: As famosas, de cima para baixo e da esquerda para a direita, Preta Gil, Glória Pires, Ana Fonte e Samara Felipo, que publicamente adotaram os fios de cabelo branco na pandemia



Fonte: Painel organizado pelos autores.

Segundo a jornalista Lilian Cunha, do site Uol⁶ (2021), o principal motivo para o aumento de mulheres optando pelos grisalhos na pandemia foi o período de quarentena. Na ocasião, os salões de beleza ficaram por mais de quatro meses fechados, impedindo as mulheres de tonalizarem seus cabelos por profissionais da área. De acordo com a pesquisadora Patrícia Catarina em entrevista a Bessas (2020), o período da quarentena serviu para que muitas mulheres buscassem satisfazer um desejo e curiosidade antigas de se perceberem com seus grisalhos naturais. Sendo assim, a pandemia pode ter sido apenas um pretexto ou incentivo para as mulheres finalmente deixarem seus cabelos naturalmente brancos e grisalhos. Uma espécie de trégua ou justificativa social de aceitação coletiva perante os diversos padrões de beleza a serem exercidos e estereótipos a serem vivenciados, sem a possibilidade de crítica. Pesquisas devem ser feitas nessa direção, especialmente tendo em vista o atual arrefecimento da pandemia.

⁶ Cunha, LÍlian. Pandemia criou um novo tipo de consumidora: as grisalhas – saiba como a indústria reagiu. Portal UOL, 6 minutos, 2021. Disponível em: <https://6minutos.uol.com.br/economia/pandemia-criou-um-novo-tipo-de-consumidora-as-grisalhas-saiba-como-a-industria/>. Acesso em: 9 set. 2021.

Algumas pistas de investigação científica surgiram do material levantado na presente revisão narrativa. Segundo Debora Maciqueira, gerente de marketing de produtos L’Oreal Professionnel, em reportagem de Cunha (2021), a empresa líder mundial de vendas de coloração perdeu 10% em vendas na divisão de produtos profissionais em 2020, que incluem as tinturas de salão, principalmente entre as mulheres. O ato de tingir os cabelos é uma prática fortemente feminina. Segundo Oliveira *et al* (2014, p. 1037), “no Brasil, um estudo do Target Group Index mostrou que 26% da população adulta utiliza tinteira para o cabelo, das quais 85% são mulheres e 15% são homens”. A indústria de cosméticos e de tingimento no Brasil foi altamente representativa e lucrativa na primeira década do século XXI. De acordo com Neves (2016, p. 44-45),

O Brasil, ao lado dos Estados Unidos, está no topo da lista de maiores consumidores de colorantes capilar do planeta. Em 2010, o país ultrapassou pela primeira vez os Estados Unidos, tendo auferido R\$27,5 bilhões com vendas do produto, segundo pesquisa da Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (Abihpec). Somos o maior mercado do mundo em tinturas, segundo a Associação.

Com a pandemia, esse mercado foi impactado, pois houve uma mudança no comportamento do consumidor. Como dito, a quarentena e o fechamento generalizado do comércio, indústria e serviços levaram as mulheres que tingiam o cabelo nos salões a dois novos caminhos: tingi-lo em casa ou, simplesmente, deixar de tonalizá-lo e adotar os fios brancos. Parece que uma parte deste grupo de mulheres que tingia os cabelos escolheu a segunda opção.

Para Maciqueira, em matéria de Bessas (2020), ainda não se sabe a reverberação em números da pandemia em relação à porcentagem de mulheres que estão assumindo os cabelos brancos e grisalhos. Os últimos estudos da empresa foram feitos em 2018 e foi constatado que apenas 5% das mulheres assumiam os cabelos brancos, concluindo que o grisalho representa apenas um nicho de mercado, mas em expansão, principalmente com a pandemia. Segundo dados divulgados por reportagem da Record TV Paulista (2020), 14,4% das mulheres com mais de 45 anos já adotaram o estilo e 67% gostariam de assumir os brancos. De fato, diversos dados e realidades de investigação, que podem inspirar estudos originais que desfrutem das contribuições dos campos, entre outros, da comunicação, moda e gerontologia.

A repercussão da pandemia no trato dos cabelos das celebridades femininas foi constatada na premiação de cinema do Festival de Cannes de 2021. Segundo a jornalista

Coates (2021), o cabelo grisalho foi tendência nesta edição do festival. Diversas celebridades, como Andie Macdowell, Jodie Foster e Helen Mirren (Figura 6), apareceram com seus fios de cabelo branco, pós quarenta.

Figura 6: As atrizes Helen Mirren, Andie Macdowell e Jodie Foster no Festival de Cannes, 20210



Fonte: Portal Veja Rio (2021).

Perante o cenário, se presume que a pandemia, em toda a sua dimensão, possa ter intensificado o movimento revolução grisalha. Ao dar maior visibilidade para seus propósitos, abriu-se para novas interpretações como, por exemplo, ser considerado até mesmo uma tendência de moda. Destaca-se que esta tendência não se restringe apenas às mulheres mais velhas.

Nessa direção, a revisão narrativa apontou ainda que a prática de valorização dos cabelos brancos está para além de apenas um reflexo da pandemia. Segundo Neves (2016, p. 46), há alguns anos a beleza dos cabelos brancos “vem sendo louvada por reportagens que veem neles uma tendência ou mais uma possibilidade de ‘estilo’: o branco *fashion*”. O referido estilo é caracterizado pela adoção artificial dos cabelos pintados de branco ou cinza/grisalho por fashionistas e jovens celebridades, como Kelly Osborne, Pink, Lady Gaga e Rihanna (Figura 7).

Figura 7: As celebridades Kelly Osborne, Pink, Lady Gaga e Rihanna com seus cabelos artificialmente grisalhos



Fonte: Painel organizado pelos autores.

A *Paris Fashion Week* de janeiro de 2013 reforçou a tendência, ao exibir jovens modelos de cabelos tingidos de branco. A depender do momento e da condição histórica, observa-se que o próprio branco igualmente pode ser entendido como um tingimento nas relações do cotidiano. De acordo com Neves (2016), há o questionamento de que este poderia ser um indício que a moda estaria integrando sinais de envelhecimento aos padrões estéticos de beleza. Para Araújo (2019), pode-se pensar em uma nova significação para os cabelos brancos por meio da valorização e naturalização da cor e até mesmo do processo de envelhecimento.

No entanto, questiona-se: quais os possíveis usos comerciais dessas novas aparências a serem celebradas: seriam uma forma de diferenciação? Apenas gosto pessoal? Ou uma forma de promoção pessoal da carreira? No limite, trata-se, de fato, de uma revolução? Para Neves (2016, p. 46), “o cabelo branco *fashion* em cabeças jovens constituiria um artefato ‘de velho’ compondo um visual exclusivo e pitoresco”. Para a autora, o choque entre o novo, entendido socialmente como belo, e o velho, entendido socialmente como feio, produziria um efeito diferenciado de beleza. Outra indagação a ser feita é: o movimento revolução grisalha tornou-se apenas uma tendência de moda midiática ou, de fato, vem oportunizando mudanças e escolhas no exercício dos diferentes perfis da condição feminina?

Com o aumento da veiculação do movimento revolução grisalha nas mídias e na indústria da moda, bem como a expansão do número de adeptas, percebe-se o surgimento

e fortalecimento de um novo nicho de mercado voltado para os cabelos brancos. Na narrativa divulgada pelas mídias parece que não basta apenas adotar os fios brancos. Eles também devem ser cuidados e tratados. Porém, mesmo perante esse novo universo de possibilidades e o fim da pandemia, pairam novamente as inquietações sobre mudanças reais.

Mulheres grisalhas: indícios de um novo nicho de mercado

Para alcançar este segmento social, visto como um possível novo nicho de mercado e demanda, algumas marcas de cosméticos lançaram linhas de produtos específicos para os cabelos brancos. Observa-se que, aliada à adoção, nasce igualmente a narrativa publicitária do consumo visando cuidados voltados para a saúde e a beleza dos fios brancos. O foco é evitar o aspecto amarelado, entendido como indesejado, adjetivo interessante atribuído ao próprio branco até muito recentemente. Portanto, não basta adotar os cabelos brancos, em nome de libertar-se do tingimento constante. Outras práticas e camadas simbólicas, igualmente normatizadoras a seu tempo das aparências, parecem surgir ao redor do próprio movimento. Uma reflexão leva a questionar se o mesmo tom que envolve a bandeira do sentimento de liberdade no trato da aparência dos cabelos possa parecer ser, concomitantemente, refém da força de novos padrões e subsequentes estereótipos; os quais somos permanentes alvos e agentes, na condição de construtores de realidades formativas.

Nesse universo, ao analisarmos os materiais levantados, estes produtos específicos para os cabelos brancos passam a compor os anúncios presentes em comunidades do Facebook, perfis no Instagram e sites que incentivam e apoiam a Revolução Grisalha. Dentre elas, pode ser citada a iniciativa Grombre, que possui site e redes sociais ativas. Segundo o site oficial dessa comunidade⁷, o Grombre é definido como “um movimento global de mulheres que abraçam o cabelo natural, sem tintura”. Iniciou por meio de uma conta no Instagram em 2016, criada por Martha Smith (Figura 8), que tinha 24 anos na época. Visando ajudá-la no seu processo de transição, acabou por se constituir em um estilo de vida para as mulheres que participam da rede. Conforme indicado na fonte, busca-se o rompimento dos padrões de beleza, a libertação e o empoderamento para viver plenamente e celebrar as diversas fases da vida.

⁷ Disponível em: < <https://grombre.com/> >. Acesso em: 13/09/2021.

Figura 8: Martha Smith, fundadora do Grombre



Fonte: Portal Grombre (2021).

De acordo com Araújo (2019), nesses espaços midiáticos as participantes postam suas fotos com os cabelos brancos e grisalhos, durante ou após a transição, discutindo os seus significados. Tais grupos acabam se tornando um espaço de registro de relatos e de interação, onde as mulheres reafirmam sua escolha e se motivam mutuamente frente aos desafios do cotidiano grisalho feminino. Ainda, segundo a autora, estabelecem uma relação de parceria e compreensão mútua, pois todas estão passando ou já passaram pelo mesmo processo de aceitação do entendido como signo/sinal do envelhecimento, transição da cor e adoção total dos cabelos brancos e grisalhos. Neste universo comunicacional, relacional, simbólico e formativo das redes sociais, no entanto, pergunta-se: será que o que as une trata-se apenas do fato de serem mulheres e grisalhas?

Estudo realizado por Miranda e Fialho (2017) entrevistou um grupo de mulheres entre 20 e 80 anos que adotaram os cabelos brancos e grisalhos. As participantes da pesquisa disseram que se sentiam com a autoestima elevada em relação ao período em que tingiam o cabelo. A coragem de quebrar o tabu dos cabelos brancos e grisalhos, segundo as entrevistadas, trouxe uma nova visão sobre estar bem com a sua aparência física e uma maior abrangência da noção de beleza. Os relatos das entrevistadas destacaram um sentimento tão grande de liberdade, que resultou em um novo olhar sobre si mesmas, um olhar mais amplo. Narravam se sentir mais bonitas e com uma aparência

mais coerente com a sua idade cronológica e etapa de vida. Perante a análise do material obtido pela revisão narrativa, observa-se que a necessidade de se sentir coerente com os significados de adequação etária não deixa, no entanto, de também indicar as múltiplas camadas de variáveis socioemocionais que se entrelaçam na constituição das expectativas em torno da condição feminina.

Araújo (2019, p. 139) entende que a sensação de liberdade com o fim do tingimento regular dos cabelos vincula a prática com a perspectiva de “escravidão, prisão”. Neves (2016, p. 58) segue na mesma direção: “a ‘escravidão’ aparece como uma associação ao ato de pintar: o trabalho, o tempo e a preocupação são perdas, incômodos”. O sentimento descrito ao parar de tingir os cabelos é o de “libertar-se de uma obrigação desconfortável para corresponder a um padrão de beleza imposto” (MIRANDA; FIALHO, 2017, p.5).

Seja como for, a condição sociocultural própria da construção histórica das aparências sensibiliza, por meio dos inúmeros exemplos aqui levantados, registrados e discutidos, a parceria de natureza heterogênea e dinâmica entre a manipulação orgânica e a simbólica da apresentação pessoal e coletiva. Nesta direção, entende-se que as mídias exercem um papel tensionador dessas performances sociais.

Considerações finais

O cabelo branco pode ser entendido como um dos sinais do processo de envelhecimento. Este processo ocorre de forma dinâmica, heterogênea e tem caráter biológico, psicológico, social e emocional. Constrói-se, para além da sua condição orgânica, igualmente por meio das interações sociais e culturais que experimentamos ao longo da vida. Assim, o cabelo também passa por diversas transformações no percurso, tanto de ordem biológica como cultural. É um elemento da aparência, que constitui e comunica a identidade individual e coletiva.

Ao discutirmos a construção da aparência na contemporaneidade, questiona-se se as dificuldades que muitas mulheres encontram em conviver com as mudanças do envelhecimento não estejam relacionadas à ausência de uma estética da beleza que dialogue com o processo de envelhecer, em toda sua extensão e possibilidades, principalmente por meio do papel desempenhado pelas diversas mídias e indústria da moda. Os padrões de beleza instituídos às mulheres, os quais são socialmente construídos e que imperam na sociedade ocidental vigente, estão ainda muito ligados ao mito da eterna

juventude, que valoriza o corpo jovem, esbelto e firme. Sendo assim, assumir qualquer sinal de envelhecimento que destoe dessa dinâmica discursiva, estética e imaginária congelada no tempo torna as mulheres, portanto, distantes do ideal de beleza juvenil. Os reflexos negativos são diversos, tanto para elas, como as sociedades como um todo.

Apresentando-se na contramão da beleza estereotipada e normativa, surge o movimento revolução grisalha, de caráter internacional. Nele, mulheres de diversas idades narram que estão adotando e assumindo os cabelos brancos e grisalhos, em nome da defesa de uma noção libertária e naturalista do processo de envelhecimento humano. Tal movimento vem ganhando força desde o início do século XXI, principalmente com a criação de sites e grupos de apoio em redes sociais, marcando o cotidiano identitário de diversas mulheres, em especial. Mais recentemente, vêm sendo divulgados e difundidos em diversas mídias (por exemplo, reportagens televisivas, revistas, documentários, publicidade, etc.) livros, indústria da moda e correlatos, como a indústria dos cosméticos. O alcance da iniciativa tem se tornado, nas narrativas de algumas mídias, uma tendência de moda e um ato de estilo, especialmente por também se tratar de uma prática artificialmente produzida por jovens fashionistas.

Observa-se um aumento no número de adeptas ao movimento, tanto entre as famosas, quanto entre as anônimas. Tal fato se intensificou com a pandemia causada pela Covid-19 a partir de 2020 e as decorrentes ações de isolamento visando conter a transmissão por coronavírus. Neste cenário, com a possível expansão do número de adeptas e a veiculação do movimento revolução grisalha nas mídias e nas redes sociais, percebe-se o surgimento de um novo nicho de mercado, voltado para o tratamento dos cabelos brancos e grisalhos, criando novos desejos e necessidades de consumo a mulheres que tinham a intenção de libertarem-se.

O movimento revolução grisalha propõe romper com padrões estéticos entendidos como impostos socialmente, ressaltando narrativas e sentimentos de libertação da chamada escravidão da beleza idealizada, associada ao continuado processo de tingimento dos cabelos. Conforme as fontes consultadas, adotar os cabelos brancos representa libertar-se de um processo de tingimento desconfortável e oneroso. Igualmente, se desvencilhar de um padrão de beleza restritivo e aprisionador, que não abrange a heterogeneidade do envelhecimento, visto aqui de uma forma naturalizada.

Tal fenômeno promoveu um fluxo midiático intenso, que pode ter sugerido a adoção dos fios brancos e grisalhos, naturais ou artificiais, como uma tendência de moda. Por um lado, o discurso das adeptas é de libertação de estereótipos e padrões de beleza

impostos socialmente. Porém, por outro lado, observou-se que a maioria das mulheres que adotam os fios prateados e brancos representados nas diversas mídias não fogem do estereótipo normativo simbolizado por mulheres brancas, altas, jovens, magras e poderosas.

A presente revisão narrativa tratou-se de uma primeira aproximação e documentação do movimento. Observou-se, neste sentido, a necessidade de aprofundamento do tema e produção de dados mais robustos. Para isso, a pesquisa constituiu um conjunto de questionamento e reflexões buscando contribuir para a edificação de novos desenhos de pesquisa.

Referências

ARAÚJO, Denise C. de. A revolução grisalha: mulheres (re)sematizando signos do envelhecimento. **Revista Dobras**, n. 12, v. 25, p. 130-143, abr. 2019.

DIB, Claudio Z. **Formal, non-formal and informal education: concepts/applicability**. Cooperative Networks in Physics Education – Conference Proceedings 173, American Institute of Physics, p. 300-315, 1988.

BARROS, Ludmila. Cabelos Grisalhos. **Facha em todo lugar**, 18 ago. 2021. Disponível em: < <https://emtodolugar.facha.edu.br/2021/08/18/cabelos-grisalhos/>>. Acesso em: 22 mar. 2022.

BESSAS, Alex. 'Grito de liberdade': mais mulheres estão assumindo cabelos brancos. **O tempo**, 17 jun. 2020. Disponível em:<<https://www.otempo.com.br/interessa/grito-de-liberdade-mais-mulheres-estao-assumindo-cabelos-brancos-1.2350022>>. Acesso em 10 set. 2021.

BRANCO & Prata. Direção: Humberto Bassanelli e José Carlos Lage. Produção IMG Content. Brasil, 2019. YouTube. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=DHoQq9ESvss>>. Acesso em: 9 set. 2021.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1998.

COATES, Hannah. Cabelo grisalho é tendência no Festival de Cannes 2021. **Vogue**, 8 de jul. 2021. Disponível em: <<https://vogue.globo.com/sua-idade/noticia/2021/07/mulheres-poderosas-assumem-os-fios-brancos-no-festival-de-cannes.html>>. Acesso em: 8 set. 2021.

CUNHA, Lílian. Pandemia criou um novo tipo de consumidora: as grisalhas – saiba como a indústria reagiu. **Uol**, 25 mar. 2021. Disponível em:<

https://cultura.uol.com.br/noticias/18045_pandemia-criou-um-novo-tipo-de-consumidora-as-grisalhas-saiba-como-a-industria-reagiu.html>. Acesso em: 9 set. 2021.

D'ELBOUX, Yannik. Por que cabelo branco é charmoso para homem e desleixo para mulher? **Uol**, 19 mai. 2016. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2016/05/19/por-que-cabelo-branco-e-charmoso-para-homem-e-desleixo-para-mulher.htm>>. Acesso em: 22 mar. 2022.

7 FAMOSOS que ficaram mais atraentes com cabelos grisalhos. **Ferricelli**, 14 jul. 2017. Disponível em: <<https://blog.ferricelli.com.br/7-famosos-que-ficaram-mais-atraentes-com-cabelos-grisalhos/>>. Acesso em: 22 mar. 2022.

FIALHO, Carlos; MIRANDA, Tatiana. **Grisalhas: identidade e liberdade feminina**. São Paulo: Barn Editorial, 2021.

GASPAR, Alberto. A educação formal e a educação informal em ciências. In: MOREIRA, Ildeu de Castro; MASSARANO, Luísa & BRITO, Fatima (orgs.). **Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil**, p. 171-183. Rio de Janeiro: Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Fórum de Ciência e Cultura, 2002.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOSS, Karine P.; PRUDENCIO, Kelly. O conceito de movimentos sociais revisitado. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2, n. 1, p. 75-91, jan.-jul. 2004.

GRISALHAS. Direção: Carlos Fialho e Tatiana Miranda. Produção: F2M Pesquisa e Imagem. Brasil, 2019. YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KWCnfQyK7gE>>. Acesso em: 10 set. 2021.

HITA, Maria G. Geração, raça e gênero em casas matriarcais. In: MOTTA, Alda B. da; AZEVEDO, Eulália L.; GOMES, Márcio Q. de C. (orgs.). **Reparando a falta: dinâmica de gênero em perspectiva geracional**. Coleção Bahianas. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia, 2005.

KREAMER, Anne. **Meus cabelos estão ficando brancos, mas eu me senti cada vez mais poderosa**. São Paulo: Globo, 2007.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean (2015). **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MARQUES, Camila. Moda, comunicação e sociedade: uma reflexão acerca dos sistemas de moda e suas possibilidades comunicacionais e contraculturais. **Revista ModaPalavra**. v. 6, n. 11, p. 127-140, jul.-dez. 2013.

MAUSS, Marcel. **As técnicas do corpo**. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, p. 401-422, 1934.

MENDES, Felismina *et al.* **As representações sociais do envelhecimento ativo de idosos e profissionais.** Évora: Martinari, 2014.

MIRANDA, Tatiana; FIALHO, Carlos E. Grisalhas: um estudo sobre cabelo, liberdade feminina e “política-vida”. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress. **Anais**, Florianópolis, 2017.

MOURA, Juliana M. de. **Raízes da beleza:** cabelo como símbolo de representação cultural na sociedade de consumo. 2007. TCC (Graduação em Comunicação Social com habilidade em Publicidade e Propaganda), Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2007.

MULHERES assumem fios brancos cada vez mais jovens. **Record TV Paulista**, 14 out. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LLO118Kju0c_>. Acesso em 10 set. 2021.

NERI, Anita. L. **Palavras-chave em Gerontologia.** Campinas: Alínea, 2008.

NEVES, Diana F. das. Mulheres de cabelos brancos: reflexões sobre desvio e padrões de feminilidade. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). **Velho é lindo!** 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 39-78, 2016.

NEVES, Rosiane. Novas perspectivas: moda e envelhecimento. **Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura**, v. 2, n. 2, p. 99-112, 2020.

OLIVEIRA, Ricardo A. G. de *et al.* A química dos corantes de cabelo. **Revista Química Nova**, v. 37, n. 6, p. 1037-1046, 2014.

PEREIRA, Carolina M. Os jovens e a contracultura brasileira. **Revista Iara**, v. 8, n. 2, p. 17-28, jan. 2016.

PEREIRA, Nilza A. C. **Representações sociais sobre o envelhecimento do gênero feminino em revista de circulação nacional.** VI Congresso Internacional de Envelhecimento Humano. Campina Grande, Paraíba, 2019.

QUINTÃO, Adriana M. P. **O que ela tem na cabeça?** : um estudo sobre o cabelo como *performance* identitária. 2013. Dissertação (mestrado em Antropologia). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2013.

REVOLUÇÃO grisalha: adeus tinturas, cabelos brancos estão na moda. **IstoÉ**, 14 ago. de 2017. Disponível em: <<https://istoe.com.br/revolucao-grisalha-adeus-tinturas-cabelos-brancos-estao-na-moda/>>. Acesso em: 10 mai. 2022.

ROTHER, Edna T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paul Enfermagem-Editorial**, v. 20, n. 2, 2017.

SALINETE, Allana. **A mulher idosa no contexto da institucionalização:** autoimagem, autoestima, beleza e cuidado na velhice. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano). Faculdade de Educação Física e Fisioterapia. Universidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, 2018.

STECANELA, Nilda. O cotidiano como fonte de pesquisa nas ciências sociais. **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 14, n. 1, p. 63-75, jan. / mai. 2009.

TOURAINÉ, Alain. **Poderemos viver juntos?** Iguais e diferentes. Petrópolis: Vozes, 2003.

YOKOMIZO, Patrícia; LOPES, Andrea. As mídias como agentes de educação informal no envelhecimento: pistas para investigação. **Revista Mídia e Cotidiano**, n. 3, v. 12, p. 293-311, dez. 2018.

YOKOMIZO, Patrícia; LOPES, Andrea. Aspectos socioculturais da construção da aparência no envelhecimento feminino: uma revisão narrativa. **Revista Kairós**, v. 22, n. 26, p. 285-317, 2019.

Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.

5. ESTUDO 3 – Moda, aparência feminina e revolução grisalha na revista ELLE Brasil

Revista Estudos Feministas

ISSN: 1806-9584

Seção Artigos

Submetido em: 29/03/2023

Comprovante de submissão:

[REF] Agradecimento pela submissão Externa Caixa de entrada x



periodicos@systemas.ufsc.br
para mim ▾

16:47 (há 2 minutos) ☆ ↶ ⋮

Barbara Santos Aires,

Agradecemos por submeter o manuscrito "Moda, aparência feminina e revolução grisalha na revista Elle Brasil" à Revista Estudos Feministas. Com o sistema de gerenciamento de periódicos online que estamos usando, você poderá acompanhar seu progresso através do processo editorial efetuando login no site do periódico:

URL da Submissão: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/authorDashboard/submission/93603>

Usuário: barbaraaires

Confira periodicamente sua caixa de correio eletrônico, bem como a caixa de lixo eletrônico (spam), pois mensagens e notificações são enviadas pelo sistema ao e-mail cadastrado. Se você tiver alguma dúvida, entre em contato conosco.

Agradecemos por considerar este periódico para publicar o seu trabalho.

Coordenação Editorial

Moda, aparência feminina e revolução grisalha na revista ELLE Brasil⁸

Fashion, female appearance and the gray revolution in ELLE Brasil magazine

Moda, apariencia femenina y la revolución gris en la revista ELLE Brasil

Bárbara Santos AIRES⁹

Andrea LOPES¹⁰

Resumo: O movimento revolução grisalha possui origem feminista. Entende-se como revolução de gênero, que parte da construção e ressignificação da aparência. Possui caráter identitário, político e individual. Reúne mulheres de diferentes perfis, que assumem os cabelos brancos e grisalhos, simbolizando libertação dos padrões sociais patriarcais. Buscou-se levantar e caracterizar o seu eventual alcance na indústria da moda. Estudo de caso etnográfico envolvendo o conteúdo da revista ELLE Brasil. A relevância se destaca na produção imagética e textual. Observa-se o alcance processual e ascendente, partindo da discreta presença inicial, seguida por sua visibilidade, ampliação, legitimidade e sinais de naturalização. A tônica aparece nos diversos segmentos da revista. O ápice da inserção é a criação do chamado *look* grisalho como tendência e produto de moda, adotado por jovens fashionistas e estilistas de forma artificial.

Palavras-chave: moda; aparência feminina; movimento feminista; revolução grisalha; cabelo branco e grisalho.

Abstract: The revolution gray movement has a feminist origin. It is understood as a gender revolution, which starts from the construction and redefinition of appearance. It has an identity, political and individual character. It brings together women of different profiles, who assume white and gray hair, symbolizing liberation from patriarchal social standards. Sought to raise and characterize its possible reach in the fashion industry. Ethnographic case study involving the content of ELLE Brasil magazine. Relevance stands out in imagery production. The procedural and ascending reach is observed, starting from the discreet initial presence, followed by its visibility, expansion, legitimacy and signs of naturalization. The tonic appears in the various segments of the magazine. The apex of insertion is the creation of the so-called gray look as a trend and fashion product, artificially adopted by young fashionistas and stylists.

⁸ O estudo recebeu apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por intermédio da concessão de bolsa de mestrado.

⁹ Consultora de Imagem, Estilo e Cor. Bacharel e mestranda em Têxtil e Moda, ambos os cursos pela Universidade de São Paulo (USP). Bolsista CAPES. Integrante do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS). E-mail: barbara.aires@usp.br. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-1820-8734>

¹⁰ Antropóloga, Docente das Graduações e Pós-Graduações de Gerontologia e de Têxtil e Moda da Universidade de São Paulo, coordenadora do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS), site www.sites.usp.br/grupoeaps. E-mail: andrealopes@usp.br
Orcid ID: <http://orcid.org/0000-0002-7680-8618h>

Keywords: fashion; feminine appearance; feminist movement; gray revolution; white and gray hair.

Resumen: El movimiento de la revolución gris tiene un origen feminista. Se entiende como una revolución de género, que parte de la construcción y redefinición de la apariencia. Tiene un carácter identitario, político e individual. Reúne mujeres de diferentes perfiles, que asumen cabellos blancos y grises, simbolizando la liberación de las normas sociales patriarcales. Se buscó plantear y caracterizar su posible alcance en la industria de la moda. Estudio de caso etnográfico sobre el contenido de la revista ELLE Brasil. La relevancia se destaca en la producción de imágenes. Se observa el alcance procesal y ascendente, a partir de la discreta presencia inicial, seguida de su visibilidad, expansión, legitimidad y signos de naturalización. La tónica aparece en los distintos segmentos de la revista. El vértice de la inserción es la creación del llamado *look* gris como un producto de moda y tendencia, adoptado artificialmente.

Palavras chave: moda; aparência feminina; movimento feminista; revolução gris; pelo branco y gris.

Introdução

A revolução grisalha “consiste em um movimento social especialmente feminino, de escala internacional”, pouco investigado, conforme revisão realizada por Bárbara Aires e Andrea Lopes (2023, p. 140). Envolve a construção e ressignificação da aparência de mulheres com diferentes perfis, famosas e anônimas, que utilizam em suas narrativas identitárias o verbo assumir, quando se referem a adoção natural dos cabelos brancos e grisalhos.

O movimento vem sendo difundido nas mídias. Existem comunidades no Facebook, compostas por mulheres que se declaram assumidas e postam fotos grisalhas ou em transição (Denise ARAÚJO, 2019), ocasionando seguidores, redes de apoio e interação. Apesar das diferenças, a relação de parceria, compreensão e cumplicidade em torno da condição feminina, encontra na aparência dos cabelos oportunidade de reflexão e reconstrução identitária. Calcada no senso de propósito e pertencimento, organizam-se performances autorais da aparência na interação com um coletivo que pensa e se posiciona politicamente perante as problemáticas contemporâneas de gênero. As imagens e os relatos impulsionam a discussão envolvendo experiências e novos significados.

Assim, diante da expressividade e expansão da revolução grisalha na atualidade, buscou-se levantar e caracterizar o eventual alcance do movimento na indústria da moda

feminina, por meio da investigação etnográfica das publicações impressas da Revista ELLE Brasil.

De acordo com Diana Crane (2006) e Letícia Assunção (2017), a moda comunica e relaciona-se com o funcionamento e as mudanças sociais, cultura e escolhas estéticas, demarcando gostos, recursos e anseios. Neste sentido, para Marcelo Silva (2021) a indústria da moda é promotora de tendências. Sendo assim, quando algo é divulgado como uma tendência de moda, acaba sendo absorvido e, muitas vezes, replicado em larga escala pela sociedade no âmbito da construção das aparências, de forma politizada ou alienada. Patrícia Yokomizo e Andrea Lopes (2019, p. 239) definem aparência como “um conjunto de aspectos físicos, comportamentais, atitudinais, estéticos e simbólicos construídos e externalizados pelos indivíduos ou grupos, compondo sua apresentação pessoal ou coletiva”.

Portanto, para efeito da presente pesquisa, entende-se que a moda surge como um agente ativo e contexto privilegiado de investigação, no que tange a compreensão das aparências contemporâneas femininas, seus significados e desafios.

Revolução Grisalha

O movimento revolução grisalha vem ganhando força desde o século XX, especialmente a partir dos meios de comunicação de massa. Um exemplo trata-se da protagonista interpretada por Meryl Streep no filme *O diabo veste Prada*, de 2006, que “representou uma editora de revista de moda grisalha absolutamente anti-avó, a personificação do charme elegante” (Anne KREAMEAR, 2007, p. 191). Araújo (2019) reforça que no ambiente midiático percebe-se estímulo, valorização e fortalecimento do movimento. Tal apoio reflete sobre o senso de desleixo e aumento da idade percebida, discurso tradicionalmente destinado às mulheres. Para a autora, tal postura colabora para o questionamento e o rompimento de normas e padrões estéticos brasileiros.

Aires e Lopes (2023) ainda destacam que a indústria da moda já tem se aproximado do movimento, possivelmente identificando um mercado consumidor relevante, ao contratar modelos com esse perfil para desfiles e editoriais de moda. A adesão aos cabelos brancos e grisalhos naturais por parte de mulheres famosas no período de isolamento social recomendado no combate à pandemia por COVID-19 também reforçou o movimento.

No entanto, Selma Felerico (2021) defende que assumir os fios de cabelos brancos ainda se trata de um tabu, principalmente para e entre parte das mulheres mais velhas. Ela concorda que o cabelo branco e grisalho é visto como um “sinal de desleixo e símbolo incriminador de envelhecimento”. Carlos Fialho e Tatiana Miranda (2021) reforçam o sentido de desleixo, em razão da suposta facilidade em manipulá-los, como se fosse uma obrigação feminina. Porém, para os homens o cabelo grisalho sugere prestígio, envolvendo charme, experiência de vida, segurança e sensualidade, por um lado, e censura para as mulheres por outro (FELERICO, 2021; FIALHO e MIRANDA, 2021; Leusa Araújo, 2012). Portanto, ainda existe uma tensão e disparidade de gênero em relação aos significados em torno da aceitação e da adoção do cabelo branco e grisalho.

Apesar das expectativas em torno da construção da aparência das mulheres, muitas delas, de diversas idades, têm deixado os cabelos naturalmente brancos e grisalhos como uma forma de transgressão da entendida opressão dos padrões estéticos sociais. Na contemporaneidade, uma mulher que opta por não tingir os fios de cabelo branco sinaliza diversos conteúdos: “aceitação do envelhecimento, questionamento de padrões engessados de beleza, poder feminino de decisão sobre seu próprio corpo” (FIALHO; MIRANDA, 2021, p. 85).

Naomi Wolf (1992, p. 11-24) argumenta, em publicação da década de 1990 sobre a tensão entre a obtenção de direitos e conquistas feminista versus o poder que o mito da beleza exercia sobre elas. Ou seja, a obrigação de manter um tipo de beleza idealizado, reconhecido como um corpo magro, definido e jovem. Para Fernanda Heinzmann (2012) e Carolina Petroni (2018), tal pressão ainda vigora.

Revolução grisalha e movimento feminista

O recente movimento de mulheres assumirem os cabelos brancos reflete um longo processo de conquista do poder social feminino, fortalecido na segunda metade do século XX, conforme Fialho e Miranda (2021, p. 107). Destacam que os papéis e relações tradicionais de gênero foram sendo revisitados, especialmente, a partir das “transformações econômicas e sociais ocorridas após a Segunda Guerra Mundial”. O processo de industrialização brasileiro promoveu a urbanização e acarretou mudanças sociais dos comportamentos, legitimadas pela revolução cultural e contracultura.

Para Alain Touraine (1998) , Karine Goss e Kelly Prudêncio (2004) os movimentos sociais são formas de resistência aos modelos dominantes e lutam pela

democratização, contestando a lógica vigente. Segundo Aires e Lopes (2023), os movimentos sociais de caráter identitário lutam por questões particulares. Porém, o tipo de debate que provocam aborda temas que afetam toda a composição da estrutura social.

A contracultura foi um movimento social libertário da juventude europeia e estadunidense dos anos 1960, que questionava e desafiava os valores da sociedade ocidental (Carolina PEREIRA, 2016). Tal movimento começou a repercutir no Brasil e reforçar o movimento feminista, iniciado em 1930, mas que ainda não era uma referência que permitia às mulheres se libertar das restrições sociais (FIALHO; MIRANDA, 2021). Com os ideais da contracultura, “o movimento feminista reorganizou-se a partir do princípio ‘o pessoal é político’” (FIALHO; MIRANDA, 2021, p. 129).

José Alvez *et al* (2019), ao discutir a superioridade masculina impressa no Código Civil de 1916, revela que as desigualdades sociais e de gênero remontam o período colonial brasileiro. O fim da República Velha (1889-1930), a construção de uma sociedade urbano-industrial e a expansão dos ideais feministas, possibilitaram às mulheres brasileiras muitas vitórias. Foram ganhos que prezavam pela autonomia individual feminina frente às imposições do patriarcado. Nesta direção, a lógica da autonomia individual se relaciona com a noção de política-vida de Anthony Giddens (2002), um existir político com base na liberdade individual de escolha que ultrapassam escolhas tradicionais.

Fialho e Miranda (2021) indicam que a política-vida fortalece a libertação feminina a partir da década de 1960. A conquista do mercado de trabalho, a liberdade sexual e a independência dos pais e dos maridos favorecem as escolhas pessoais. Sendo assim, para os autores, apropriar-se da construção da própria aparência ao romper com os padrões estéticos, assumindo os cabelos brancos sem perder a autoestima, é parte deste processo de libertação feminina àquelas que assim escolhem.

Na atualidade, por sua vez, afastar-se das concebidas como frequentes e custosas sessões de tingimento tem demonstrado e mobilizado novos sentimentos e significados, como libertação e ruptura com padrões e estereótipos sociais de beleza. Araujo (2019) e Diana Neves (2016) associam o ato à escravidão. De certa forma, podem tratar-se de narrativas aliadas ao anseio por novas performances e papéis sociais, cujos espaços de existências femininas eram impensados. Nesse cenário, parece que tingir os cabelos, buscando esconder os fios brancos e seus sentidos desqualificadores da condição feminina, perdem a relevância.

Em síntese, a escassa literatura informa que, independentemente da idade e do período histórico, os debates e percepções em torno dos cabelos brancos e grisalhos associam a construção da aparência como ato político. Na contemporaneidade brasileira observou-se que a decisão de assumir os cabelos brancos e grisalhos, se trata, antes de tudo, de uma resistência emancipatória individual em torno de como experimentar a vida (MIRANDA; FIALHO, 2017), para além de noção de libertação necessariamente coletiva.

Método

O método utilizado foi a etnografia, visando investigar a rede simbólica de condições, agentes e significados. De acordo com Clifford Geertz (1973) e Beatriz Polivanov (2013), seu intuito é a criação de descrições densas de práticas sociais, buscando entender os aspectos que compõem as diversas culturas. Neste sentido, explica como as experiências e dinâmicas sociais estabelecem teias de significados edificadoras das identidades, formas e estilos de vida.

A etnografia aqui empreendida investigou a trajetória da revista ELLE Brasil. A publicação foi selecionada devido a sua relevância em termos de alcance e aproximação com a temática proposta pelo movimento revolução grisalha. Debate sobre estilo de vida, moda, beleza, saúde e entretenimento visando, especialmente, o público feminino. Segundo Juliano Borges e Milena Coppes (2020, p.13), “ELLE é a maior publicação de moda de luxo do mundo e está presente em mais de 45 países, vendendo cerca de 6,5 milhões de exemplares por mês”.

A revista foi fundada em Paris, na França, por Pierre Lazareff e sua esposa Hélène Gordon, em novembro de 1945, poucos meses após o fim da Segunda Guerra Mundial. Segundo Carolina Porne (2020), Hélène estava nos Estados Unidos durante o final da guerra. Voltou de Nova York para Paris motivada pelos acontecimentos e, principalmente, pela conquista feminina do direito ao voto na França, em 1944. Para a autora, a revista ELLE surgiu para dar mais voz ao público feminino, trazendo moda, beleza e, igualmente, questões políticas que envolviam mulheres e os princípios feminista. Segundo Porne (2020), na década de 1960, a revista já era reconhecida no país de origem, com mais de 800 mil leitoras. Em 1969 alcança o Japão; em 1985 os Estados Unidos e Reino Unido; maio de 1988, no Brasil, via editora Abril.

Segundo Camila Stefanelo e Denise Araujo (2020), a ELLE é considerada, atualmente, a maior revista de moda do Brasil e do mundo e concentra as leitoras com o maior potencial de compra. Para Porne (2020), a revista ELLE Brasil é entendida como uma referência de inovação em tecnologia e comunicação digital, mas principalmente, por veicular conteúdos críticos e relevantes. Temas como as liberdades individuais, a questão de gênero, feminismo e diversidade parecem ser a tônica, mesmo que voltada a um grupo seletivo de mulheres. Devido a sua amplitude e por abordar temáticas de interesse, elegeu-se a revista ELLE para o desenvolvimento da pesquisa.

A coleta se concentrou no levantamento e caracterização de imagens e conteúdos textuais envolvendo mulheres. O foco foram as publicações impressas, partindo da primeira até a edição de setembro de 2021. Obteve-se 400 exemplares, sendo 357 volumes mensais e 43 suplementares.

Os descritores utilizados na busca foram: cabelo(s) branco(s), cabelo(s) grisalho(s), fio(s) branco(s), fio(s) grisalho(s), revolução grisalha e poder grisalho. Investigou-se as sessões: capa, editorial, publicidade, matéria e editorial de moda. Para os conteúdos textuais ainda foram incluídas as legendas de imagem e título/manchete de legenda. O material foi consultado de 19/08 a 03/11/2022, gratuitamente, nas bibliotecas das faculdades paulistanas de moda Santa Marcelina e Armando Alvarez Penteado, por possuírem um acervo significativo.

Os dados foram computados e analisados separadamente em relação às imagens e aos conteúdos textuais. A análise das imagens gerou dois grupos de observação: 1) cabelo branco e grisalho orgânico; 2) cabelo artificialmente produzido, dividido em branco e grisalho. Dentro do segundo grupo, identificou-se o subgrupo produção artificial envolvendo peruca e acessórios que remetiam ao aspecto de cabelo, dividido em branco e grisalho. Fez-se uso de um caderno de campo ao longo de toda pesquisa, que complementou a discussão. Após o tratamento e análise dados, observou-se uma tônica temporal dos dados, que levou a um segundo nível organizacional, década a década, visando responder aos objetivos da pesquisa.

Foram consideradas apenas as imagens coloridas, buscando a assertividade. Não foram consideradas imagens de mulheres que tinham cabelo branco e grisalho com aspecto azulado ou arroxeadado, fundo branco produzido com outras cores sobrepostas. Incluiu-se cabelo branco e grisalho com mechas invertidas. Foi considerada cada mulher da imagem e não a imagem completa.

Por fim, participaram dois juízes especializados – um no tema e outro colorista – para analisarem imagens que geraram dúvidas em relação à tonalidade do cabelo, entre branco e loiro platinado. Considerou-se que as imagens com tons muito claros, cuja intenção era despigmentar, faziam alusão ao aspecto branco, sendo incluídas.

Resultados e Discussão

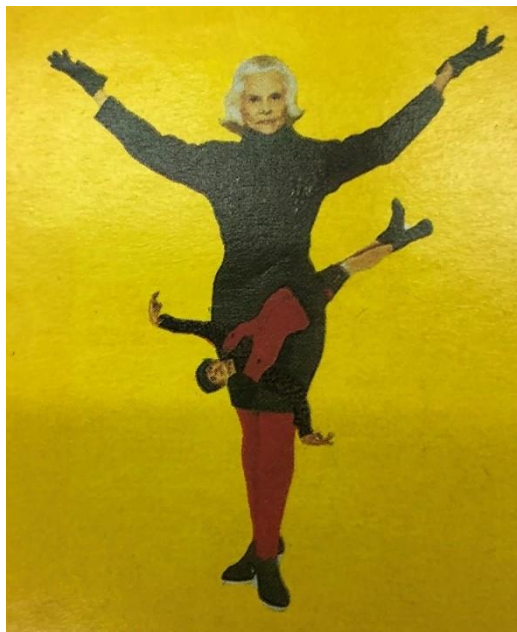
A investigação da trajetória das publicações da revista ELLE Brasil permitiu identificar a revolução grisalha como um movimento social de alcance progressivo e ascendente na indústria da moda ao longo das últimas cinco décadas. A seguir, será apresentada uma caracterização cronológica desse alcance.

Década de 1980: sinais da existência

Na década de 1980, obteve-se 21 volumes da ELLE Brasil. Foram encontradas imagens de seis mulheres de cabelo branco e grisalho orgânico, situadas em matérias. Ainda nesta sessão, encontrou-se a imagem de uma mulher de cabelo produzido branco, em matéria. Não foram encontrados dados nas demais sessões.

Vale ressaltar que no primeiro volume da revista, publicada em maio de 1988, já foi veiculada a imagem de uma modelo de cabelo branco, mencionada como sexagenária. A idosa posou para a linha Junior do estilista francês Jean Paul Gaultier (**Figura 1**). Apesar de ser uma imagem de pequenas dimensões e não tratando diretamente da temática, ela é muito representativa, pois já aponta a existência de modelos idosas de cabelo branco na revista. Também foi encontrado, neste volume, um título de publicidade com o termo “cabelos brancos”: “Para esquecer meus cabelos brancos eu finalmente descobri um gesto simples: Dédicace de L’Oreal”.

Figura 1- Modelo sexagenária de cabelo branco posando para a linha do estilista Jean Paul Gaultier.



Fonte: revista ELLE Brasil, maio, v. 1, n. 1, p. 154, 1988.

#PraTodoMundoVer A imagem tem fundo amarelo e ao centro tem uma modelo sexagenária de franja e cabelo branco em corte Chanel. Ela está com os braços abertos e levantados. Usa luvas pretas, blusa de gola alta preta, saia preta, meia calça vermelha e tênis preto. Há outra idosa de cabeça para baixo na região do quadril na mesma pose que ela vestindo blusa preta, colete vermelho, saia preta e bota preta.

No ano de 1989, número 6, foi encontrado um conteúdo de publicidade da marca L’Oreal Dédicace, que faz o uso três vezes do termo “cabelos brancos” e veicula a mensagem “esquecer” e “cobrir” (**Figura 2**). Percebe-se, na publicidade, um discurso negacionista com relação ao ato de deixar o cabelo naturalmente branco, reforçado e vinculado à presença de uma modelo jovem. Segundo Erica Montefusco (2013, p. 23), na contemporaneidade, o mundo segue a lógica do culto ao corpo, em que “a negação do envelhecimento ou as tentativas de envelhecer de forma mais lenta aparecem constantemente em publicidades e influenciam comportamentos”. Destaca-se que não foram encontrados conteúdos textuais na década de 1980 nas demais sessões investigadas.

Figura 2 – Campanha publicitária da L'Oréal Dédicace.



Fonte: revista ELLE Brasil, v. 2, n. 6, p. 12-13, 1989.

#PraTodoMundoVer A imagem e o conteúdo textual tratam da campanha da marca L'Oréal Dédicace, ocupando duas páginas sequenciadas. No lado esquerdo há uma mulher jovem, branca e de olhos azuis, com cabelos castanhos claros. Do lado oposto, localiza-se o texto da campanha com o título citado anteriormente e o desenvolvimento. No rodapé há uma caixa e a coloração da marca.

No geral, na década de 1980, percebe-se uma maior veiculação de imagens de mulheres de cabelo branco e grisalho orgânico (seis) do que produzido (um), o que pode indicar sinais embrionários das matrizes do movimento revolução grisalha. Porém, o discurso veiculado na publicidade ainda é paradoxalmente contrário, uma vez que nega o ato de assumir o cabelo branco natural. Sendo assim, nesta década, o movimento revolução grisalha ainda não apresenta visibilidade textual, mesmo na presença de imagens em torno dessas mulheres.

Década de 1990: ampliação

Na década de 1990 foram analisados 113 volumes. Localizou-se imagens de 20 mulheres de cabelo branco e grisalho orgânico. Três delas estavam veiculadas em publicidade e 17 em matérias. Já no grupo dos produzidos, encontrou-se 28 com aspecto branco, sendo 19 delas usando peruca ou acessórios. Ainda, sete mulheres de cabelo

produzido grisalho, sendo três usando perucas (**Figura 3**) ou acessório. No total, 35 imagens foram analisadas, sendo duas encontradas em publicidades, 31 em matérias e duas em editoriais de moda.

Figura 3- Painel de imagens do uso de peruca branca em desfile e editorial de moda.



Fonte: revista ELLE Brasil, v. 4, n. 5, p. 44, 1991 e v. 4, n. 12, p. 48-49, 1991. Painel elaborado pelas autoras.

#PraTodoMundoVer Trata-se de um painel com três imagens. A primeira é uma modelo com uma peruca branca que alcança o glúteo, com franja. Ela está desfilando e usa um *body* roxo com duas luvas pretas aplicadas na região no busto. Igualmente, usa luvas pretas nas mãos e uma meia preta. As outras imagens são do editorial de moda intitulado “Magia Branca”, com uma outra modelo usando em ambas uma peruca branca curta. Na primeira imagem um *body* branco e na outra blusa e saia balonê brancas.

Assim, comparado à década de 1980, observou-se a ampliação da divulgação da imagem de mulheres de cabelo branco e grisalho orgânico para além das matérias, alcançando a publicidade. Percebe-se, também, um aumento considerável de uma para 35 mulheres com o cabelo branco e grisalho produzido, o qual passa a ser veiculado tanto em matérias, como publicidade e editorias de moda. Começam a ser usadas perucas e acessórios que remetem a cabelo, tanto na tonalidade branca (19) quanto na tonalidade grisalha (três). Entende-se esse fato como sinais do surgimento do denominado na moda de branco *fashion*. Segundo Aires e Lopes (2023, p. 151), este “consiste na adoção

artificial dos cabelos pintados de branco ou cinza/grisalho por fashionistas e jovens celebridades”. Ainda na década de 1990, surgem editoriais de moda contendo *looks* total branco, incluindo os cabelos, por meio do uso de perucas brancas, algo que não foi localizado na década de 1980.

Nesta direção, no volume de agosto de 1993 aparece uma pequena matéria intitulada “O fôlego das supergatas”, que retrata três idosas que emplacaram como modelos de campanhas publicitárias e desfiles de moda na velhice (**Figura 4**). Todas elas exibem cabelos brancos orgânicos.

Figura 4 - Matéria sobre modelos idosas de cabelo branco.



Fonte: revista ELLE Brasil, v. 6, n. 8, p. 26, 1993.

#PraTodoMundoVer A imagem contém a matéria intitulada “O fôlego das supergatas”, contendo três imagens de modelos idosas: uma desfilando com um *look* branco e sandália preta; outra com cabelo em côque, sorrindo com batom vermelho, camisa branca e saia preta; e uma terceira com roupa de ginástica e tênis, fazendo alongamento em uma perna direita e braço esquerdo.

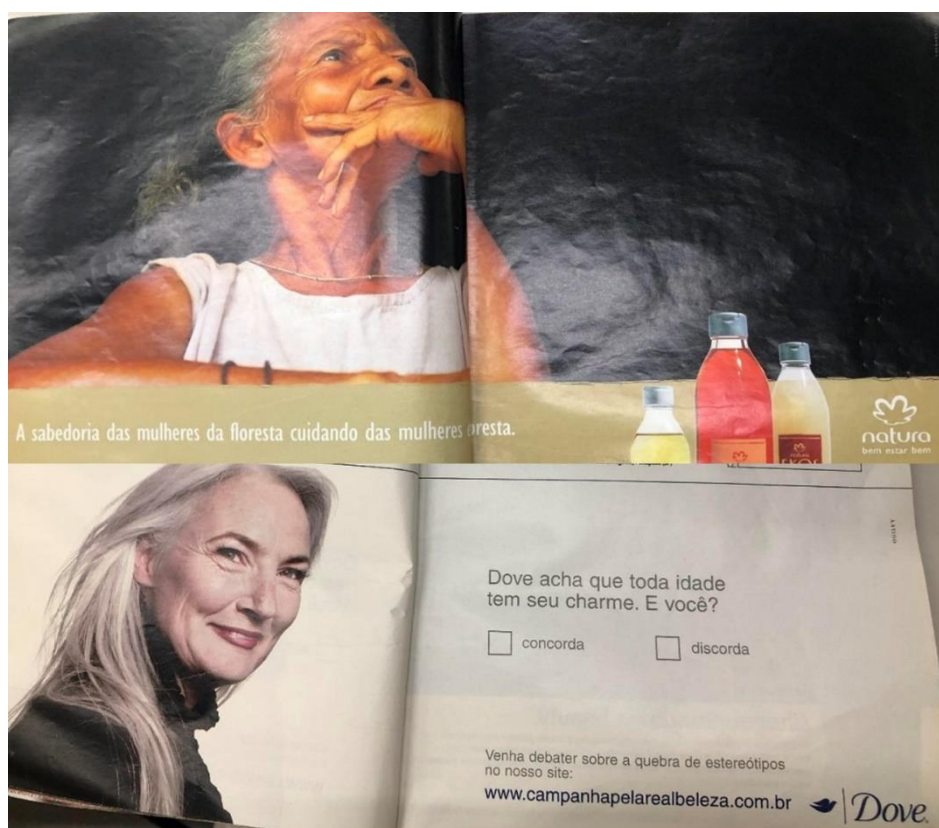
Em relação ao conteúdo textual, foram veiculados quatro conteúdos publicitários da marca Wella, promovendo os produtos Soft Color e Koleston. Foram utilizados sete vezes o termo “fios brancos”. A mensagem difundida era “fios brancos aumentam a idade de qualquer um” e uso de tinta de cabelo para cobrir 100% dos fios brancos. Também

foram encontrados dois conteúdos de matéria com o uso de três termos: dois “cabelos brancos” e um “fios brancos”, transmitindo a mensagem do uso de henna e tinta de cabelo para cobrir e colorir os cabelos brancos. Percebe-se a manutenção do discurso negacionista. Este discurso, além de ser divulgado na publicidade, passou a ser veiculado em matérias. A tensão paradoxal entre imagem e discurso continua existindo na década de 1990. Não foram encontradas menções textuais em outras sessões da revista.

Anos 2000: semente da visibilidade identitária

Nos anos 2000 foram consultados 150 volumes. No total, surgiram 19 imagens de cabelo branco e grisalho orgânico (três em publicidade e 16 em matéria). Uma das imagens de publicidade é da Natura Ekos (**Figura 5**) intitulada “A sabedoria das mulheres da floresta cuidando das mulheres e da floresta”, que contém uma idosa negra grisalha. Esta campanha relaciona o cabelo branco e grisalho com sabedoria, uma das representações sociais e crenças normativas relacionadas ao envelhecimento e à velhice (Tatiana TORRES *et. al.*, 2015). Já a campanha publicitária da Dove (**Figura 5**) insere uma mulher idosa branca de cabelos brancos longos. Promove a reflexão do charme em todas as idades. As mensagens são contrárias ao ageísmo, que segundo Luciana Dadalto, Igor Mascarenhas e Ana Matos (2020), é um tipo de preconceito e discriminação contra pessoas idosas. Observou-se a intenção de promover a inclusão e diversidade. Não apareceram imagens na capa, editorial e editorial de moda.

Figura 5- Duas campanhas publicitárias contendo idosas de cabelo branco e grisalho.



Fonte: Revista ELLE Brasil, v. 14, n. 10, p. 24, 2001 e v.17 n. 12 p. 18, 2004. Painel elaborado pelas autoras.

#PraTodoMundoVer A imagem representa um painel com duas publicidades. Uma delas é da marca de cosméticos Natura Ekos e contém a frase: “A sabedoria de mulheres da floresta cuidando das mulheres e da floresta” e tem uma mulher negra de cabelo grisalho olhando para a diagonal direita e para cima, com a mão apoiada no queixo. A publicidade da Dove, outra empresa de cosméticos, contém uma mulher idosa branca de olhos verdes e de longo cabelo branco. Tem a frase: Dove acha que toda idade tem seu charme. E você? Contém dois quadrados para assinar: concorda e discorda. Abaixo está a frase: “venha debater sobre a quebra de estereótipos no nosso site: www.campanhapelarealbeleza.com.br”.

Nesta década, foram encontradas imagens de 40 mulheres de cabelo branco e grisalho artificiais, sendo 38 em branco e dois no grisalho. Nas produções de moda, 10 utilizaram perucas e acessórios que remetem ao cabelo branco. Não se observou grisalhos. Dentre as imagens com os cabelos produzidos em branco e grisalho, sete foram veiculadas

em publicidades, 27 em matérias e seis em editoriais de moda. Percebe-se um aumento dos editoriais de moda, talvez um sinal da visibilidade do cabelo branco e grisalho como um elemento *fashion*, identificado na década anterior.

Com relação à produção textual, nos anos 2000 foram encontrados três conteúdos de publicidade das marcas Wella, Embellezze e Avon. Elas promoviam, respectivamente, os produtos Koleston, Maxton e Advance Techniques, por meio do uso de três termos: “cabelos brancos” (uma menção) e “fios brancos” (duas). A mensagem veiculada é o uso de tinta para “cobrir perfeitamente os cabelos brancos”. Foram encontrados, ainda, dois conteúdos de matéria com quatro termos: “raiz branca”; “os brancos”; “mecha branca”; “grisalha”.

A mensagem contida na matéria intitulada "20 truques para ficar mais jovem" é sobre retocar a raiz branca: “drama que pode aparecer desde cedo, a raiz branca não dá trégua - haja retoque!” e “esconder os brancos por mais tempo”. Já a matéria intitulada "Bethy Lagardère: ela foi musa nos anos 1970, conquistou o coração de um dos homens mais ricos da França e hoje não está nem aí para os padrões de beleza" (**Figura 6**) transmite a mensagem da sua mecha branca no cabelo como uma das marcas registradas da modelo, que relatou ter deixado o cabelo naturalmente branco como homenagem ao marido falecido.

Figura 6 - Título e manchete da matéria sobre Bethy Lagardère com sua mecha branca.



Fonte: revista ELLE Brasil, v. 21, n. 8, p. 68, 2009.

#PraTodoMundoVer A imagem contém o título e manchete da matéria “Bethy Lagardère: ela foi musa dos anos 1970, conquistou o coração de um dos homens mais ricos da França e hoje não está nem aí para os padrões de beleza”. Na foto encontra-se uma mulher de meia idade, com os cabelos soltos, de médio comprimento, exibindo mecha branca. Ela usa óculos de sol, um conjunto claro, anéis e pulseiras prateadas e está fumando.

Na primeira matéria, percebe-se a manutenção do discurso negacionista, frente ao aumento progressivo das imagens, sejam de cabelos naturais ou artificialmente produzidos de branco ou grisalhos. Porém, na segunda matéria percebe-se o surgimento de um discurso identitário e libertário dos padrões normativos de beleza, que relaciona o cabelo/mecha branca de Lagardère como parte da sua identidade. No entanto, vale ressaltar que se trata de uma escolha que, ainda assim, busca atender outra pessoa, o marido. Destaca-se que não foram encontradas menções nas outras sessões da revista.

Anos 2010: eclosão, alcance e legitimidade

Nos anos 2010 foram analisados 113 volumes da revista ELLE Brasil, sendo encontradas imagens de 103 mulheres de cabelo branco e grisalho orgânico. Uma estava na capa, 10 em publicidades, 86 em matérias e cinco em editoriais de moda, envolvendo mulheres idosas e jovens albinas. Não se observou informações relevantes no editorial. Comparativamente, percebe-se uma eclosão no número de imagens de mulheres de cabelo branco e grisalho orgânico ao longo das edições.

Quem inaugurou a presença do segmento na capa da revista foi a gerente executiva Christel Runte, alemã e de 72 anos na época (**Figura 7**). A manchete dizia “Estilo sem fronteiras”. Tratou-se de um volume que propôs aos leitores produzir a própria capa, debatendo a democratização das aparências no campo da moda, para além dos padrões normativos de beleza (Lara MELO; Nádia SANTOS, 2020) ocidental. No entanto, mesmo inaugurando entre os diferentes uma capa com uma idosa de cabelos brancos, ainda assim, destaca-se que ela era branca, magra e de olhos azuis, ressaltando seu sucesso profissional na velhice. Ou seja, observa-se um indulto, dentro dos limites dos aceitáveis normativamente no universo da moda. Ironicamente, na pose da idosa, soma-se o fato dela estar com o rosto parcialmente coberto.

Figura 7- Capa da ELLE Brasil com Christel Runte.



Fonte: revista ELLE Brasil, v. 27, n. 6, capa, 2015.

#PraTodoMundoVer A imagem contém a capa da ELLE e a manchete “Estilo sem fronteiras”. Tem a imagem centralizada da Christel Runte, uma idosa magra e branca de olhos azuis. Ela está com o cabelo curto branco e veste um casaco xadrez em tons de vinho, vermelho, azul escuro e preto. A gola é preta e ela segura a ponta da gola posicionando a mão em frente a parte inferior do rosto.

Nas demais sessões da revista foram encontradas imagens de 180 mulheres de cabelo branco e grisalho produzidos artificialmente, sendo 138 produzido no branco (17 perucas e acessórios) e 26 no grisalho (quatro perucas e acessórios). Percebe-se uma diminuição no uso de perucas e acessórios. Sendo assim, o efeito *fashion* dos tons branco e grisalho nos cabelos está sendo feito por meio do cabelo natural, em especial, de jovens fashionistas (**Figura 8**). Do total dessas imagens, seis foram veiculadas na capa, duas em editoriais escritos, 14 em publicidades, 83 em matérias e 74 em editoriais de moda.

Assim, pela primeira vez, a década abrangeu a veiculação de mulheres de cabelo branco e grisalho artificial em todos os segmentos da revista, superando o conteúdo veiculado sobre cabelos naturais. Com esses dados, em termos de extensão, entende-se

que nos anos 2010 houve a sedimentação do branco *fashion* como tendência de moda, uma vez que foram inseridas modelos com cabelo branco e, principalmente, grisalho artificiais em desfiles e editorias de moda (**Figura 8**).

Nesse sentido, no território da moda de rua, ou mais conhecida como *streetwear/streetsyle*, nasce o que passou a ser denominado *look* grisalho (**Figura 8**). Na maioria das imagens investigadas nesta década, para além do avanço da inserção dos cabelos brancos e grisalhos, observa-se a manutenção e predominância de mulheres brancas, jovens, magras e com feições ocidentais. Destaca-se que, novamente, 20 anos depois, o estilista francês Jean Paul Gaultier continua protagonizando a adoção dos cabelos brancos nos seus desfiles, como indica a **Figura 8**.

Figura 8 - Painel com referências dos chamados branco *fashion* e *look* grisalho em jovens fashionistas, passarela, *streetwear* e editorial de moda.



Fonte: revista ELLE Brasil, da esquerda para direita: v. 22, n. 5, p. 148, 2010; v. 24, n. 12 p. 198, 2011; v. 28 n.11 p. 117, 2016; v. 26, n. 3, p. 270, 2014, v. 22 n. 1 p. 102, 2010. Painel elaborado pelas autoras.

#PraTodoMundoVer A imagem contém um painel com cinco figuras. A primeira é uma fashionista com cabelo curto grisalho, um laço grande lilás na cabeça, vestido amarelo, meia calça floral azul e vermelha e tênis preto. A segunda é uma modelo desfilando com peruca grisalha, óculos de sol, vestido branco e preto e um casaco de pele branco. A terceira exibe cabelo branco curto, com chapéu, gargantilha e bolsa preta, jaqueta ombro a ombro branca, saia vermelha e sandália vermelha com fitas preta e branca. A quarta é de uma modelo de longos cabelos brancos/acinzentados vestindo blusa, shorts, casaco e chapéu em estampa de onça. A última é de uma modelo com cabelo grisalho no desfile da Mara Mac. Todas são brancas, magras e jovens.

Em relação ao conteúdo textual, foram encontradas quatro legendas de imagem com o uso dos termos: “look grisalho”, “fios brancos”, “aparência grisalha” e “cabelo branco”. A mensagem transmitida na primeira legenda é “Chic e poderosa: look grisalho à la Malvina Cruela da Mara Mac” (**Figura 8**) e a segunda trata: “Fios brancos no desfile de Jean Paul Gaultier” (**Figura 8**). A terceira legenda diz: “A aparência grisalha virou moda entre os fashionistas jovens, caso da cantora Lady Gaga, que já testou. É uma cor sóbria e deixa a mulher mais forte. Mas exige um estilo moderno, manutenção a cada 40 dias e cuidados especiais”, conta o cabelereiro Eron Araújo (...)”. A mensagem da quarta legenda é: “Eva Chen com Birkenstocks, Dr. Martens e cabelo branco no *street style*” (**Figura 8**). Ambas as legendas refletem e reforçam a legitimidade do branco *fashion* e da aparência grisalha como uma tendência de moda nos anos 2010.

Na década dos anos 2010 também foram encontradas seis publicidades das marcas Avon, L'Oréal, Keune e Alfaparf. Respectivamente, os produtos foram: Advance Techniques, Imédia Excellence, Casting, So Pure Color e Alta Moda é... Colore. Cinco termos utilizados são “fios brancos” (duas vezes), “brancos” (uma) e “cabelos brancos” (duas), transmitindo a mensagem de usar tinta de cabelo para cobrir perfeitamente, 100% os cabelos e fios brancos. No discurso publicitário mantém-se a negação de assumir o cabelo naturalmente branco e grisalho. Foram encontrados quatro conteúdos de matéria, que utilizaram 19 termos. Com uma menção cada, aparece: “fios grisalhos”, “acinzentados”, “grisalho”, “cabelos branquíssimos”, “cabeça branca”, “versões naturalmente brancas”, “mulher grisalha” e “branquinhos”. Com duas menções cada: “brancos”, “cabelo(s) branco(s)”, “fios brancos”. Finalizando, observou-se quatro vezes o termo “cabelo(s) grisalho(s)”.

A primeira matéria foi intitulada "Brilho eterno: na onda do movimento *ageless*, a moda e a beleza exaltam as mulheres - e não a idade", publicada na edição de novembro de 2011 (p. 194-198). Transmite a mensagem do alcance da estética madura nas passarelas e nos anúncios, porém relativizando a idade como uma variável de interesse. Houve a participação da modelo grisalha Kristen McMenamy, de 45 anos, no desfile da Chanel e Louis Vuitton, bem como nos editoriais das revistas Vogue Itália e da britânica Dazed & Confused. A matéria ainda informa o desfile de 2011 de Jean Paul Gaultier, citado acima, com as modelos artificialmente grisalhas.

A segunda matéria intitulada "A hora da estrela: musa da Céline, a escritora Joan Didion inspira e ganha um documentário" foi publicada na edição de abril de 2016 (p. 230). Ela transmite a mensagem que havia esgotado a jaqueta criada pela designer Lyndsey Butler, da marca Ved, com a estampa da ilustração da escritora com seu cabelo branco, comparando com as versões de outros famosos, como Frida e Bowie.

A terceira matéria intitulada "Lugar ao sol: como a diversidade e um novo conceito de sexy estão abrindo espaço entre os clássicos do verão e mudando a cara da estação" foi publicada na edição de novembro de 2016 (p. 114-117). Ela transmite a mensagem que "o cabelo é um ponto de resistência das velhas ideias escravizantes de feminino" e tem sido um foco de mudança. Ainda, informa que o cabelo cinza e branco natural contrariam o estereótipo e saíram do "*underground*" para o "*mainstream*".

A quarta matéria, intitulada "Respeite meus cabelos brancos: um novo movimento pela liberdade dos fios grisalhos derruba os estereótipos com muita personalidade" foi publicada em julho de 2018 (p. 128-129). Ela transmite a mensagem que "se antes eram motivo de camuflagem, os fios grisalhos femininos, há alguns anos, têm se tornado um símbolo de liberdade e estilo" (**Figura 9**). De acordo com a matéria, havia diversas modelos de cabelo branco e grisalho em campanhas de moda. Segundo o cabelereiro brasileiro midiático Celso Kamura, que compõe a matéria, "há um movimento grande de pessoas querendo assumir e realçar os brancos. Esse é um resgate do visual natural e um reflexo de uma vida muito mais bem resolvida". Para o cabelereiro, "a questão é que a mulher não tem que ficar presa a nada, nem à tintura".

Atualmente, há um crescente de mulheres mais velhas, entendidas como estilosas, que assumiram os cabelos brancos, como a cantora brasileira Rita Lee e a estilista britânica Vivienne Westwood, que tinham seus icônicos cabelos avermelhados. Esta última matéria também indica questões gênero, uma vez que "mesmo com esse movimento a favor dos brancos, ainda existem muitos estereótipos em relação à mulher

grisalha, de que essa mulher está fora do jogo, que é o *game over* total. Mas os homens de cabelo branco, como o William Bonner e o Brad Pitt, são vistos como charmosos”, afirma a blogueira entrevistada, Joanna Moura, que sentimentos de liberdade ao assumir os brancos.

Figura 9- Matéria da ELLE Brasil sobre o movimento da revolução grisalha.



Fonte: revista ELLE Brasil, v. 30 n.7 p. 128-129, 2018.

#PraTodoMundoVer A imagem contém a matéria intitulada “respeitem meus cabelos brancos: um novo movimento pela liberdade dos fios grisalhos derruba os estereótipos com muita personalidade”. A matéria contém a ilustração da estilista britânica Vivienne Westwood com uma montagem gráfica, exibindo uma alusão aos seus cabelos brancos assumidos na velhice.

Até essa década, considerando o caso da trajetória da revista ELLE Brasil, pode-se perceber o crescente alcance das matrizes do movimento revolução grisalha ao longo dos anos na indústria da moda, com mais força no conteúdo visual e estético. A presença parte de uma visibilidade bastante tímida e tangencial na década de 1980, que é ampliada nas duas décadas seguintes, eclodindo e sendo legitimada na versão mais politizada da proposta, especialmente por meio do conteúdo textual, a partir de 2010.

O discurso assumido e veiculado nas imagens de cabelos brancos e grisalhos naturais ou produzidos – pretende romper com os entendidos como padrões estéticos de origem patriarcal, questionando as relações de gênero e prezando pela liberdade individual das aparências femininas. Também pode-se perceber o alcance do movimento na diversidade de sessões da revista, uma vez que foram escritas quatro matérias falando sobre a temática de cabelo branco e uma específica sobre o movimento, tônica inexpressiva nessa sessão da revista até a década anterior.

A legitimidade do branco *fashion* e *look* grisalho na indústria da moda, no seu auge na década de 2010, também reflete o alcance do movimento, uma vez que a bandeira libertária da revolução grisalha, de certa forma se tornou para além de uma tendência, um produto de moda. Eclode a adoção artificial dos cabelos brancos ou grisalhos entre jovens *fashionistas*, nas passarelas e ruas, assim como entre celebridades jovens e velhas *fashionistas*. Importante destacar que, ainda no âmbito da investigação da trajetória da revista, a influência da revolução grisalha alinha-se ao movimento crescente de legitimidade de outras pautas de minorias femininas, sob o guarda-chuva do início da era da diversidade das aparências.

Fazendo coro à revolução grisalha, nesta direção, no que tange às mulheres velhas, constatou-se uma série de matérias veiculadas na revista ELLE com temáticas que abordavam a aceitação do envelhecimento e da velhice. Tratou-se da inserção social de mulheres idosas nas mídias e redes sociais, nos desfiles e campanhas de moda, mesmo que ainda prevalecendo o tema *ageless*. O uso do termo *ageless* consiste na ausência ou relativização da importância da idade como marcador social, não deixando de ser uma forma de negacionismo (Adriano ROZENDO, 2022). Alguns títulos de matérias são: “Sob o sol da diversidade”, “Age free”, “Show must go on”, “New age”, “O X da questão” e “Queridas rugas” (**Figura 10**).

Figura 10 - Painel contendo quatro matérias que envolvem a aceitação do processo de envelhecimento e a inserção de mulheres idosas na moda.



Fonte: revista ELLE Brasil (de cima para baixo, da esquerda para a direita): v. 29, n. 4, p.210-211, 2017; v. 29, n. 11, p. 160-161, 2017; v. 27, n. 5, p. 220-223, 2015; v. 29, n. 11, p. 138-139, 2017. Painel elaborado pelas autoras.

#PraTodoMundoVer A imagem contém um painel com quatro matérias da revista ELLE intituladas: “New age”, “Queridas rugas”, “O X da questão” e “Sob o sol da diversidade”. A primeira contém a imagem de nove modelos mais velhas, sendo três de cabelo branco. A segunda contém a imagem do rosto de uma idosa branca, magra, de olhos azuis e longo cabelo branco com uma maquiagem verde e brinco rosa claro. A terceira contém a imagem de uma mulher idosa, branca e magra, de olhos claros e de curto cabelo branco, com uma maquiagem marcante, vestido casaco *offwhite*. A última contém a imagem de seis mulheres: cinco jovens *plus size* e uma idosa de cabelo branco desfilando de maiô.

Encontrou-se um título/ manchete de legenda contendo o termo cinza na frase: “Assuma o cinza” e um título/manchete de matéria contendo dois termos: “cabelos brancos” e “fios grisalhos”. A frase do título e manchete são: "Respeite meus cabelos

brancos: um novo movimento pela liberdade dos fios grisalhos derruba os estereótipos com muita personalidade" (**Figura 9**). Não foram encontrados elementos textuais nas demais sessões.

Percebe-se que para além da revolução em torno dos cabelos brancos e grisalhos, no contexto da composição estética das aparências, ainda persistem aparências femininas específicas, tradicionais e midiáticas: mulheres magras, brancas e com feições ocidentais. Questiona-se, de forma geral, para qual perfil exatamente de mulheres o *status* dessa revolução estética capitaneada pelos cabelos – de caráter político, libertário e individual – foi revisitado, ressignificado e se destina. Apesar do alcance da revolução grisalha, parece que os referenciais ainda são liderados por grupos e segmentos bastante conservadores e dominantes, marcados por hierarquias de gênero, raça, idade e classe.

Anos 2020: pistas da naturalização

Nos anos 2020 foram consultados três volumes da revista ELLE Brasil. Diminui o número de volumes impressos porque ela passou também a ser veiculada digitalmente. Os impressos se tornaram quadrimestrais e ganharam um formato diferente, maiores e modelo *coffee table*, contendo mais imagens e menos texto.

Foram encontradas imagens de cinco mulheres de cabelo branco e grisalho orgânico/natural, das quais três encontram-se em matérias e duas em editorias de moda (**Figura 11**), que em nada se referiam ao tema. Não foi encontrada nenhuma imagem na capa, editorial e publicidade. A edição de setembro de 2021 tem uma opção de capa com a cantora grisalha Maria Bethânia, com 74 anos na época. Porém, ela não foi computada pelo fato da foto estar em preto e branco. Também não foi encontrada imagem de mulher de cabelo branco e grisalho produzida artificialmente ou conteúdo textual no restante da revista.

Figura 11- Painel com imagens de mulheres de cabelo branco orgânico encontradas em matéria e editorial de moda.



Fonte: revista ELLE Brasil (esquerda para direita) v. 32, n. 2, p. 131, 2020; v. 32, n. 1, p. 100, 2020. Painel elaborado pelas autoras.

#PraTodoMundoVer A imagem contém um painel com duas fotos. A primeira é uma mulher de costas com cabelo longo repicado em tom grisalho, vestindo óculos de grau em acetato preto e formato gatinho encaixado no cabelo. Veste blusa preta. A outra é de uma idosa de traços orientais com o cabelo grisalho preso em coque e maquiagem intensa, composta por sombra azul e batom vermelho. Ela veste casaco/jaqueta com gola alta branco.

Este resultado pode suscitar uma certa naturalização do movimento revolução grisalha, para além de comporta-se como tendência ou produto de moda. Ou seja, após a sua eclosão imagética e discursiva na década anterior, especula-se sobre a incorporação dos cabelos brancos e grisalhos na indústria da moda e seus contextos de interface. No entanto, novas pesquisas precisam ser realizadas.

Síntese do processo de alcance

Para efeito da compreensão global da presença progressiva dos preceitos políticos e estéticos da revolução grisalha ao longo dos 33 anos da trajetória da revista e 400 volumes investigados, a Tabela 1 apresenta uma síntese dos resultados:

Tabela 1: Sessões (S) e quantidade de imagens de mulheres com cabelo branco e grisalho (C), nas modalidades orgânico ou produzido.

(S) (C)	Capa	Editorial	Publi- cidade	Matéria	Editorial de moda	Total
Orgânico	1	0	16	128	7	152
Produzido	6	2	23	142	82	255

Fonte: as autoras.

#PraTodoMundoVer A tabela contém três linhas e oito colunas. A primeira linha contém as sessões (S) investigadas: capa, editorial, publicidade, matéria, editorial de moda, campanha de moda e total. A segunda linha contém o número de mulheres de cabelo branco e grisalho orgânico em cada sessão, totalizando 152 aparições. Na terceira, de mulheres de cabelo produzido em cada sessão, com total maior de 255 aparições.

No total, foram levantadas as imagens de 152 de mulheres que apresentaram cabelo branco e grisalho orgânico e 255 de produzidos artificialmente. As imagens de mulheres cabelo branco e grisalho orgânico foram encontradas na capa (1), publicidade (16), matéria (128) e editorial de moda (7). As imagens de mulheres de cabelo produzido artificialmente foram encontradas na capa (6), editorial (2), publicidade (23), matéria (142) e editorial de moda (2). Vale ressaltar que das 255 imagens de mulheres de cabelo produzido, 220 eram brancos, dentre os quais 43 utilizaram peruca ou acessório que remetesse a cabelo branco. Igualmente, encontrou-se 35 produzidos grisalho, sendo sete por meio de peruca ou acessório que remetesse ao aspecto de cabelo grisalho.

Para uma melhor compreensão das sessões características da produção de moda, as imagens de mulheres de cabelo branco e grisalho orgânico e produzido dentro da sessão imagens de matérias foram identificadas em desfile, *streetwear/streetstyle* e campanha de moda, conforme Tabela 2:

Tabela 2: Segmentação do campo da moda identificada dentro da sessão imagens de matéria (S) e quantidade de imagens de mulheres com cabelo branco e grisalho (C), nas modalidades orgânico ou produzido.

(S) (C)	Desfile	<i>Streetwear</i>	Campanha de moda	Total
Orgânico	5	4	7	16
Produzido	42	13	82	137

Fonte: as autoras.

#PraTodoMundoVer A tabela contém quatro linhas e três colunas. A primeira linha contém a segmentação do campo da moda identificada dentro da sessão imagens de matéria (S): desfile, *streetwear* e campanha de moda. Na segunda linha contém o número de mulheres de cabelo branco e grisalho orgânico em cada segmento de produção de moda e total. Na terceira, de mulheres de cabelo produzido em cada segmento, mais o total.

Encontrou-se dentro de imagens de matéria, imagens de cinco mulheres de cabelo branco e grisalho orgânico em desfile, quatro em *streetwear* e sete em campanhas de moda. Já as mulheres de cabelo produzido foram encontradas 42 em desfile, 13 em *streetwear* e 82 em campanhas de moda. No total, os produzidos figuram em larga vantagem de aparecimento (137) versus os orgânicos (16).

Em relação ao conteúdo textual ao longo de todo período da pesquisa, com base nos descritores, foram encontrados: nenhuma menção na capa, editorial e editorial de moda; uma menção em título/manchete de matéria, título/manchete de legenda e título/manchete de publicidade; quatro em legenda de imagem; oito em matéria; e 14 conteúdos de publicidade. No período avaliado, portanto, observou-se o total 29 menções.

Dessa maneira, no cômputo geral, obteve-se que o alcance visual da influência da revolução grisalha superou o textual. Além disso, os cabelos brancos e grisalhos produzidos artificialmente também se destacaram perante as aparições envolvendo os orgânicos. Quantitativamente, este dado aponta que os avanços envolvendo o surgimento de mulheres velhas é relativo. Destaca-se, no entanto, que este segmento etário congrega maior presença de cabelos brancos e grisalhos, sendo alvo de discriminação com relação a aparência e exclusão no campo da moda, comparado às mulheres jovens. Assim, questiona-se se na indústria da moda o alcance da revolução grisalha, mais do que uma expressão política de libertação individual – tal como buscou-se demonstrar – serviu

igualmente para impulsionar uma tendência de moda que acabou por sedimentar e naturalizar, na sua maioria, desejos, performances e produtos estéticos de jovens para jovens, com aparências já tradicionalmente definidas e cultuadas.

Considerações finais

A revolução grisalha se trata de um movimento social feminino que foi impulsionado pelo movimento feminista e pela contracultura, a partir do princípio *o pessoal é político* e pela denominada *política-vida*. Assim, o movimento procura debater opressões sistemáticas contra as mulheres e preza pela autonomia individual e poder de escolha, frente à imposição de padrões de comportamento e beleza, de origem patriarcal. Assumir o cabelo naturalmente branco e grisalho representa um existir político individualizado e identitário, por meio do rompimento e libertação de normas e padrões estéticos relacionados à ditadura da beleza e da juventude.

Com base no estudo do material veiculado ao longo dos 33 anos da revista ELLE Brasil, pode-se concluir que os preceitos e a estética propostos pelo movimento alcançaram a indústria da moda em termos imagéticos e textual, sem deixar de realçar controvérsias. Nas décadas iniciais da revista, 1980 e 1990, foi sendo orquestrada de forma tangencial certa ampliação da tímida visibilidade até então de mulheres portando cabelos brancos e grisalhos, seja de maneira natural ou produzida. Surgem sinais do chamado branco *fashion*. Na década seguinte, desponta a semente da futura relação entre ambos os tons e um certo posicionamento identitário. Porém, até aqui, gerando tensão, ainda é forte o discurso de negação dos cabelos brancos e grisalhos, no que se refere aos conteúdos textuais, especialmente, de produtos para tingimento na sessão publicidade. Ou seja, propostas de mudanças estéticas na aparência feminina, marcada por uma autoria na apresentação pessoal dos cabelos, ainda colidem com a força dos anunciantes dos gigantes do mercado dos cosméticos.

Nos anos 2010, a aparição tanto de imagens como conteúdos textuais em diversas sessões da revista, eclode e legitima a vertente defendida pela revolução grisalha, materialmente encarnada no chamado *look* grisalho. No pequeno número de volumes analisados nos anos 2020, especula-se que as mulheres com cabelo branco e grisalho passam a ser incorporadas, de certa forma, no fluxo dos materiais veiculados, não mais de forma tangencial como no início da revista, mas já detentoras de certo *status* identitário. Deve-se lembrar que, com o isolamento recomendado para o combate a

pandemia por Covid-19 em 2020 e 2021, muitas mulheres, anônimas ou famosas, passam a incorporar e debater esse movimento de naturalização político e estético em torno das questões de gênero e aparência, envolvendo a adoção do cabelo branco e grisalho e seus novos sentidos.

Em relação aos dados imagéticos, foi identificado o alcance de mulheres de cabelo branco e grisalho orgânico em seis segmentos da indústria da moda: capa de revista, matéria de revista, desfile, *streetwear*, campanha de moda e editorial de moda. Percebe-se uma proposta de inclusão e diversidade na indústria da moda, porém ela não é efetiva, uma vez que as mulheres idosas e de cabelo branco identificadas na capa, editoriais e campanhas de moda são brancas e magras, mantendo assim o padrão social de beleza tradicional. Outra constatação é que já existiam idosas de cabelo branco, brancas e magras, inseridas na indústria da moda na década de 1980 e 1990. Porém, elas ganharam maior visibilidade, até mesmo no tamanho das imagens, nos anos 2010.

O estilista Jean Paul Gaultier foi identificado como um precursor, uma vez que rompeu com os padrões ao incluir mulheres idosas em sua campanha de moda no ano de 1988 e jovens modelos com peruca grisalha em seu desfile de 2011. A estilista Mara Mac também inovou ao incluir modelos com o cabelo grisalho artificial em seu desfile em 2010.

O alcance do movimento também pode ser percebido pelo expressivo número de imagens de mulheres com cabelo branco e grisalho produzido artificialmente, principalmente por jovens, *fashionistas* e modelos nas ruas, desfiles, capa de revista, editoriais e campanhas de moda. Os dados imagéticos e discursivos comprovam que o cabelo branco e grisalho se tornou uma tendência e produto de moda, principalmente nos anos 2010.

O olhar geral dos dados aponta que, comparativamente, o número de aparições envolvendo cabelos brancos e grisalhos produzidos é quase o dobro em termos de volume que os orgânicos. Possivelmente, pode-se entender que as mesmas jovens modelos continuam sendo a prioridade.

Em relação ao conteúdo textual, notou-se que nas quatro primeiras décadas majoritariamente existe um discurso publicitário relacionado a matérias negacionistas, ao afirmar a necessidade do tingimento para esquecer e cobrir perfeitamente os fios de cabelo branco. Porém, destaca-se que na década de 2000 aparece um discurso relacionando o cabelo/mecha branca como marca identitária e um ato de romper padrões de beleza.

Nos anos 2010 o movimento revolução grisalha teve um alcance discursivo explícito, com o aparecimento de matérias falando sobre o alcance de modelos idosas e de cabelo branco e grisalho nas passarelas e em editorias de moda, além de modelos jovens com o cabelo produzido artificialmente, citados também em legendas. Nesta década foi publicada uma matéria sobre o movimento revolução grisalha com um a tônica da política-vida, abordando questões sobre libertação, estereótipos e gênero. Na década de 2020 observam-se sinais de uma possível naturalização do discurso e da estética proposta pelo movimento.

Novas pesquisas devem ser empreendidas, em tema ainda tão carente de dados. Sugere-se a investigação das edições digitais da revista ELLE Brasil, buscando obter uma perspectiva mais completa e abrangente dos dados aqui ora apresentados, especialmente no que se refere a década de 2020.

Referências

- AIRES, Bárbara Santos; LOPES, Andrea. “Revolução grisalha: libertação e midiaticização”. *Revista Mídia e Cotidiano*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 135-159, jan-abr 2023.
- ALVEZ, José Eustáquio Diniz. “Meio século de feminismo e o empoderamento das mulheres no contexto das transformações sociodemográficas do Brasil”. *In: BLAY, Eva; AVELAR, Lúcia (Orgs.). 50 anos de feminismo: Argentina, Brasil e Chile*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2019, p. 15-46.
- ARAUJO, Leusa. *Livro do Cabelo*. São Paulo, Editora Leia, 2012.
- ARAUJO, Denise Castilhos de. “A revolução grisalha: mulheres (re) sematizando signos do envelhecimento”. *Revista Dobras*, São Paulo, v. 12, n. 25, p.130-143, abr. 2019.
- ASSUNÇÃO, Letícia Formoso. O conceito de moda e o seu papel nas relações de gênero. *Revista Poliedro*, Pelotas, v. 01, n. 01, p. 48-64, set. 2017.
- BORGES, Juliano; COPPI, Milena. “Feminismo estilo magazine: um estudo sobre a Revista ELLE Brasil”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.58, p.1-36, 2020.
- CRANE, Diana. *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo: Editora Senac, 2006.
- DADALTO, Luciana; MASCARENHAS, Igor de Lucena; MATOS< Ana Carla Harmatiuk. Salvem também os idosos: etarismo e a alocação de recursos na realidade brasileira de combate à COVID. *Revista Civilistica.com*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 1-19, jul. 2020.

FELERICO, Selma. “As mulheres e seus cabelos brancos. Novas práticas de consumo no período pandêmico de isolamento social”. In: CONGRESSO INTERNACIONAL EM - COMUNICAÇÃO E CONSUMO, 8, 2021, online. *Anais...* São Paulo, 2021.p. 1-15.

FIALHO, Carlos; MIRANDA, Tatiana. *Grisalhas: identidade e liberdade feminina*. São Paulo: Barn Editorial, e-book Kindle, 2021.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2008.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOSS, Karine P.; PRUDENCIO, Kelly. “O conceito de movimentos sociais revisitado”. *Revista Em Tese*, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 75-91, jan.-jul. 2004.

HEINZELMANN, Fernanda Lyrio. *Corpos que desfilam: imagens de moda e a construção de padrões de beleza*. 2011. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

KREAMER, Anne. *Meus cabelos estão ficando brancos, mas eu me sinto cada vez mais poderosa*. São Paulo: Editora Globo, 2007.

LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: Editora Cultrix, 2019.

MELO, Lara Santos Mendes de; LOPES, Nádia Macedo. Padrões de beleza impostos às mulheres. *Revista Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas da FAIT*, n. 1, p. 1-7, 2020.

MIRANDA, Tatiana; FIALHO, Carlos Eduardo. “Grisalhas: um estudo sobre cabelo, liberdade feminina e “política-vida”. In: CONGRESSO INTERNACIONAL MUNDO DE MULHERES E SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11. *Anais Eletrônicos*, Florianópolis, 2017, p. 1-13.

MONTEFUSCO, Erica Vila Real. *A negação do envelhecimento e a manutenção da juventude veiculados em revistas femininas: um estudo de psicologia social*. 2013. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil.

NEVES, Diana Felgueiras. das. “Mulheres de cabelos brancos: reflexões sobre desvio e padrões de feminilidade”. In: GOLDENBERG, Mirian. (Org.). *Velho é lindo!* 1.ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2016. p. 39-78.

PEREIRA, Carolina Morgado. “Os jovens e a contracultura brasileira”. *Revista Iara*. São Paulo: Centro Universitário Senac, v. 8, n. 2, p. 17-28. jan 2016.

PETRONI, Carolina Garcia. *Eu não tenho esse corpo: um estudo sobre as influências do padrão de beleza feminino difundido no Instagram na subjetividade de mulheres jovens*. 2018. Bacharelado (Psicologia)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

POLIVANOV, Beatriz. “Etnografia Virtual, Netnografia ou Apenas Etnografia? Implicações dos Termos em Pesquisas Qualitativas na Internet”. *Revista Esferas*, Brasília, v. 1, n. 3, p. 61-71, jul.-dez. 2013.

PORNE, Carolina. “ELLE: história no mundo e retorno ao Brasil ou como aquecer o coração de uma leitora de revistas”. *Portal Além das tendências*, 13 de jul. de 2020. Disponível em <https://alemdastendencias.com.br/2020/07/13/elle-historia-no-mundo-e-retorno-ao-brasil-ou-como-aquecer-o-coracao-de-uma-leitora-de-revistas/>. Acesso em 17/09/2021.

ROZENDO, Adriano da Silva. Ageless: uma experiência emergente de (anti)envelhecimento. *Revista Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 27, p. 1-8, 2022.

SILVA, Marcelo Batista da. *Relações dos desfiles com as tendências de moda: análise sobre as dinâmicas do setor*. 2021. Graduação (Design de Moda) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil.

STEFANELO, Camila Marquetti; ARAUJO, Denise Castilhos de. “A revista ELLE em sua versão impressa e on-line”. In: COLÓQUIO DE MODA, 15, 2020, online, 2020, p. 1-12. Disponível em http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202011/GT10/GT/GT_88471_A_Revista_Elle_em_sua_versao_impressa_e_on-line_.pdf. Acesso em: 17/09/2021.

TORRES, Tatiana de Lucena *et al.* Representações sociais e crenças normativas sobre envelhecimento. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 12, p. 3621-3630, 2015.

TOURAINÉ, Alain. *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1992.

YOKOMIZO, Patrícia; LOPES, Andrea. Aparência, uma revisão bibliográfica e proposta conceitual. *Revista dObra[s]*, São Paulo, v. 12, n. 26, p. 227-244, 2019.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O embranquecimento dos cabelos constitui-se como um dos sinais do processo de envelhecimento e elemento da construção da aparência. Após revisão de escopo foi possível identificar que os termos cabelo branco e grisalho são utilizados, na literatura científica, como sinônimo e caracterização física de envelhecimento, velhice e ser velho/idoso. Os significados identificados em torno dos termos têm caráter dicotômico, mas coexistem entre si, e se agrupam em positivos e negativos. Os significados positivos perpassam as noções de independência, autonomia e poder; libertação; autenticidade e vantagens sociais. Já entre os significados negativos relacionam a adoção dos cabelos brancos à negação, decadência, perdas e estereótipos.

Concluiu-se que a tônica aceitação-negação presente na noção de envelhecimento está sujeita a tensões, conflitos e novas possibilidades identitárias, principalmente para a condição feminina. Para as mulheres, o fato de assumir os cabelos brancos e grisalhos percorre os significados positivos e negativos. Coexistem dentro de cada uma delas a tensão entre escolherem se libertar da escravidão associada à tintura e aos padrões estéticos sociais ou serem vistas como incompetentes no ambiente profissional, assexuadas ou pior ainda, invisíveis para a sociedade.

Os padrões de beleza instituídos às mulheres estão ainda muito ligados ao mito da eterna juventude, que valoriza o corpo jovem, esbelto e firme. Apresentando-se na contramão da beleza estereotipada e normativa, surge o movimento feminino revolução grisalha. Ele foi impulsionado pelo movimento feminista e pela contracultura e luta contra opressões sistemáticas contra as mulheres. Ainda, preza pela autonomia individual e poder de escolha de cada uma. Portanto, a revolução grisalha é um movimento social que tem caráter identitário, político e individual.

O ato de assumir os cabelos brancos e grisalhos representa romper com padrões construídos socialmente. Portanto, a aparência representa não somente um meio de construção de identidade, mas também de contestação social.

Tal ato promoveu um fluxo midiático intenso, que pode ter sugerido a adoção dos fios brancos e grisalhos, naturais ou artificiais, como uma tendência de moda. Porém a tensão dicotômica ainda coexiste, uma vez que por um lado, o discurso das adeptas é de libertação de estereótipos e padrões de beleza impostos socialmente. Porém, por outro lado, observou-se que a maioria das mulheres que adotam os fios prateados e brancos

representados nas diversas mídias não fogem do estereótipo normativo simbolizado por mulheres brancas, altas, jovens, magras e poderosas.

Após a identificação do alcance midiático, constatou-se o alcance do movimento na indústria da Moda, em especial na revista ELLE Brasil. O alcance ocorreu de forma processual e ascendente, partindo da discreta presença inicial, seguida por sua visibilidade identitária, ampliação, legitimidade e sinais de naturalização. Identificou-se o alcance imagético e textual, em diversas sessões, ao longo das cinco décadas e 33 anos de publicação da revista Elle Brasil.

Em relação às imagens, percebe-se o alcance de mulheres de cabelo branco e grisalho orgânico em seis segmentos da indústria da moda: capa de revista, matéria de revista, desfile, *streetwear*, campanha de moda e editorial de moda. Identificou-se uma proposta de inclusão e diversidade na indústria da moda, porém ela não é efetiva, uma vez que as mulheres idosas e de cabelo branco identificadas na capa, editoriais e campanhas de moda são brancas e magras, mantendo assim o padrão social de beleza tradicional, difundido tanto nas mídias quanto na indústria da moda. Porém, como movimento social, percebe-se que o seu alcance é mais heterogêneo e abrangente, por meio da presença de mulheres jovens, velhas, negras, brancas, magras, gordas, orientais, hetero e homossexuais.

Em relação ao discurso, ainda perdura a tensão entre aceitação-negação presente na noção de envelhecimento, uma vez que o conteúdo textual publicitário promove e incentiva o uso de tinta para cobrir perfeitamente os fios brancos em contrapartida ao conteúdo textual divulgado nos anos 2010, que têm um discurso *ageless* e confirma a proposta do movimento de se assumir os cabelos brancos como sinal de libertação.

O alcance do movimento também pode ser percebido pelo expressivo número de imagens de mulheres com cabelo branco e grisalho produzido artificialmente, principalmente por jovens, *fashionistas* e modelos nas ruas, desfiles, capa de revista, editoriais e campanhas de moda. Os dados imagéticos e discursivos comprovam que o cabelo branco e grisalho se tornou uma tendência e produto de moda, principalmente nos anos 2010.

Portanto, o movimento revolução grisalha alcança a mídia e a indústria da moda na capa de revista, matéria de revista, desfile, *streetwear*, campanha de moda e editorial de moda. Porém, ainda de forma a reforçar antigos padrões estéticos de beleza por meio da inserção de mulheres brancas, magras e, em sua maioria, jovens. Porém, já se percebe a presença de mulheres idosas e de cabelo branco em ambas as indústrias. O ápice do

alcance é a criação do chamado *look* grisalho como tendência e produto de moda, adotado por jovens fashionistas e estilistas de forma artificial, principalmente nos anos 2010.

No período estudado, conclui-se que houve uma dinâmica de retroalimentação entre o movimento revolução grisalha e a indústria da moda. Por um lado, o movimento ganhou força e notoriedade nos anos 2000 e acabou influenciando a indústria da moda, com o ápice do alcance nos anos 2010. Por outro, ao tornar-se produto e tendência de moda, impulsiona ainda mais o movimento, na medida que mulheres de diferentes perfis passam a aderir à tendência dos cabelos brancos e grisalhos.

Novas pesquisas devem ser empreendidas, em tema ainda tão carente de dados. Sugere-se a investigação das edições digitais da revista ELLE Brasil, buscando obter uma perspectiva mais completa e abrangente dos dados aqui ora apresentados, especialmente no que se refere a década de 2020.

7. REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Letícia F. **O conceito de moda e o seu papel nas relações de gênero.** Pelotas, v. 01, n. 01, p. 48-64, 2017.

BARNARD, M. **Moda e Comunicação.** Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2003.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas.** São Paulo: Senac, 2006.

HOEKS, H.; POST, J. **Fashion and five fashion theoreticians.** In: Brand, J. & Teunissen, J. *The Power of Fashion: about design and meaning.* Terra ArtEZ Press, 2006.

LACERDA, Lucinea L.; QUEIROZ, Julia A. de; ROCHA, Maria A. **Moda-vestuário: símbolo de distinção na contemporaneidade.** XIII Jornada de ensino, pesquisa e extensão. Recife, dez, 2013.

POLLINI, Denise. **Breve história da moda.** São Paulo: Claridade, 2007.

YOKOMIZO, Patrícia; LOPES, Andrea. **Aparência: uma revisão bibliográfica e proposta conceitual.** Revista Dobras, São Paulo, v. 12, n. 26, p 228-244, ago. 2019.

8. APÊNDICE 1

Estudo 1 – Usos e significados do cabelo branco e grisalho: uma revisão de escopo

Revista Ártemis

ISSN: 1807-8214

Seção Artigos

Submetido em: 14/12/2022

Comprovante de submissão:

[Ártemis] Agradecimento pela submissão Externa Caixa de entrada x



periodicos@avisos.ufpb.br

para mim ▾

14 de dez. de 2022, 10:08



Bárbara Santos Aires:

Obrigado por submeter o manuscrito, "Usos e significados do cabelo branco e grisalho: uma revisão de escopo" ao periódico Revista Ártemis. Com o sistema de gerenciamento de periódicos on-line que estamos usando, você poderá acompanhar seu progresso através do processo editorial efetuando login no site do periódico:

URL da Submissão: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/authorDashboard/submission/65149>

Usuário: barbaraaires

Se você tiver alguma dúvida, entre em contato conosco. Agradecemos por considerar este periódico para publicar o seu trabalho.

Revista Ártemis

Revista Ártemis <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis>

Usos e significados do cabelo branco e grisalho: uma revisão de escopo¹¹

Uses and meanings of white and gray hair: a scoping review

Bárbara Santos AIRES¹²

Andrea LOPES¹³

RESUMO

O envelhecimento é um processo multifacetado, que promove diversas transformações na aparência. Dentre elas, ocorre o surgimento de fios de cabelo branco e grisalho. Foi realizada uma revisão de escopo, a partir de literatura nacional e internacional. Os resultados indicam que ambos são entendidos como marcadores biológicos de envelhecimento, velhice e ser velho/idoso, seja quando utilizados como sinônimos ou forma de caracterização física. Nesse contexto, derivam conjuntos de significados polarizados, que igualmente se sobrepõem e contrapõem, como: independência, autonomia e poder; libertação; autenticidade e vantagens sociais versus negação, decadência, perdas e estereótipos. Observou-se que a tônica aceitação-negação impressa na noção de envelhecimento está sujeita a tensões, conflitos e novas possibilidades identitárias. A discussão da adoção do cabelo branco e grisalho ocorre, principalmente, no cerne da construção do feminino, sendo as mulheres o principal alvo em torno dos usos e atualização do imaginário do envelhecimento. Conclui-se que a construção da aparência no espectro feminino contemporâneo é desafiada pela dicotomia entre a manutenção e o rompimento da heterogeneidade. Por um lado, apontam as crenças e o senso de pertencimento aos padrões de beleza homogeneizadores relacionados ao mito da juventude eterna. Por outro, a superação de padrões estéticos engessados e aprisionadores, frente ao exercício da autoestima e do autocuidado, ainda bastante privatizados.

Palavras-chave: Envelhecimento. Aparência. Cabelo Branco e Grisalho. Mulheres.

¹¹ O estudo recebeu apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por intermédio da concessão de bolsa de mestrado.

¹² Consultora de Imagem, Estilo e Cor. Bacharel e mestranda em Têxtil e Moda, ambos os cursos pela Universidade de São Paulo (USP). Bolsista CAPES. Integrante do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS). E-mail: barbara.aires@usp.br. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-1820-8734>

¹³ Antropóloga, Docente das Graduações e Pós-Graduações de Gerontologia e de Têxtil e Moda da Universidade de São Paulo, coordenadora do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS), site www.sites.usp.br/grupoeaps. E-mail: andrealopes@usp.br
Orcid ID: <http://orcid.org/0000-0002-7680-8618h>

ABSTRACT

Aging is a multifaceted process, which promotes several transformations in appearance. Among them, there is the appearance of white and gray hair. A scope review was carried out, based on national and international literature. The results indicate that both are understood as biological markers of aging, old age and being old/elderly, whether used as synonyms or as a form of physical characterization. In this context, sets of polarized meanings derive, which also overlap and oppose each other, such as: independence, autonomy and power; release; authenticity and social advantages versus denial, decay, losses and stereotypes. It was observed that the tonic acceptance-denial imprinted on the notion of aging is subject to tensions, conflicts and new identity possibilities. The discussion of the adoption of white and gray hair takes place mainly at the core of the construction of the feminine, with women being the main target around the uses and updating of the imaginary of aging. It is concluded that the construction of appearance in the contemporary female spectrum is challenged by the dichotomy between maintaining and breaking heterogeneity. On the one hand, they point to beliefs and a sense of belonging to homogenizing beauty standards related to the myth of eternal youth. On the other hand, overcoming plastered and imprisoning aesthetic standards, facing the exercise of self-esteem and self-care, still quite privatized.

Keywords: Aging. Appearance. White and Gray Hair. Female.

Introdução: Envelhecimento e Aparência

O processo de envelhecimento tem natureza biopsicosociocultural (NERI, 2008, p. 69; NEVES, 2020, p. 103). Segundo Lima (2010, p.14), “o envelhecimento é um processo universal, gradual e irreversível de mudanças e transformações que ocorrem com a passagem do tempo”. Ainda segundo a autora, a forma como envelhecemos depende de diversos fatores, como: “a constituição genética, as influências ambientais e o estilo de vida” (LIMA, 2010, p. 11). Neste sentido, Prodavan e Nunes (2020, p. 4) afirmam que “o processo biológico é elaborado simbolicamente com rituais que definem fronteiras entre idades pelas quais os indivíduos passam e que não são necessariamente as mesmas em todas as sociedades”. Sendo assim, o envelhecimento biológico acontece em intensa interação com as crenças, valores e costumes de uma cultura específica ou sociedade, em geral. Assim, Neves (2020, p. 103) afirma que as características do envelhecimento também decorrem de processos socioculturais e históricos. Elas estão inseridas e constituem práticas coletivas, individuais e estruturas discursivas, além das interações com o universo complexo das diversas variáveis psicológicas.

De acordo com Lima (2010, p. 14), a principal característica do envelhecimento é a “variabilidade inter e intra-individual, ou seja, existem padrões de envelhecimento diferentes tanto entre indivíduos com a mesma idade cronológica, como nas distintas funções de um mesmo indivíduo”. Por isso, o envelhecimento também se trata de um processo heterogêneo e dinâmico. Neste sentido, Espírito Santo e Cunha (2012, p. 163) discorrem que o processo de envelhecimento acontece de forma individual, fruto de transformações contínuas. Ainda, segundo os autores, a percepção do envelhecimento também é individual e está relacionada com a forma com que as experiências vividas são encaradas pelo sujeito que as experienciam. Ao longo do processo de envelhecimento, ocorrem mudanças visíveis no corpo e na aparência dos sujeitos, a serem encaradas por cada indivíduo, de forma heterogênea, em determinado contexto sociocultural e histórico.

A apropriação cultural do corpo, por exemplo, pode ser acompanhada por meio de transformações pelas quais passamos ao longo do tempo, frente aos determinantes biológicos, sociais e emocionais que nos constituem. Segundo Lima e Rivemales (2013, p. 154), sobre o corpo são inscritos os marcadores culturais próprios da apresentação pessoal, seja a aparência individual ou coletiva. De acordo com Mauss (1934, p. 5), o corpo é carregado de simbologias e informações que fazem a mediação do indivíduo com o mundo ao qual pertence. Portanto, o corpo é um meio de comunicação entre o sujeito e a sociedade ao seu redor e parte da construção da aparência e seus significados.

Yokomizo e Lopes (2019, p. 239) ampliaram o conceito de aparência para além do domínio da noção de corpo e sua materialidade orgânica. Ao realizarem revisão narrativa, identificaram que esta temática se vinculava a outros diversos conceitos entendidos como correlatos, a saber: beleza, autoimagem e autoestima. Segundo as autoras, a aparência possui uma natureza biopsicossocial, que resulta de um “conjunto de aspectos físicos, comportamentais, atitudinais, estéticos e simbólicos” interligados, “compondo a apresentação pessoal” de um indivíduo ou de um grupo ao longo do processo de envelhecimento (YOKOMIZO; LOPES, 2019, p. 239) Nessa direção, ainda defendem que a construção da aparência ocorre de forma dinâmica, sociocultural e heterogênea, em interface com o processo de envelhecimento do corpo, em suas múltiplas frentes, como o embranquecimento dos cabelos, que ocorre para muitos indivíduos.

Cabelo branco e grisalho

Em maior ou menor grau, o cabelo é parte integrante da trajetória de vida de muitos corpos humanos. Está presente na construção da aparência e seus significados, bem como na edificação da identidade, seja dos indivíduos, seja dos coletivos, em determinadas culturas e períodos históricos (MOURA, 2007, p. 40; QUINTÃO, 2013, p. 31). Nesta direção, segundo Miranda e Fialho (2017, p. 3), o cabelo pode variar de acordo com o papel desempenhado pelo indivíduo em uma determinada sociedade ou grupo.

De acordo com Kreamer (2009, p. 24), o cabelo pode representar um sinal de taquigrafia (sistema de escrita rápida) que usamos para comunicar aos outros quem queremos que eles pensem que somos. Nesse sentido, o cabelo é um componente da aparência facilmente passível de intervenção e interpretação cultural, de ser transformado com base em um conjunto de crenças, valores, punições e expectativas de uma época e grupo cultural. Assim, por fazer parte da construção física da aparência individual e coletiva e ser facilmente manipulável, o cabelo pode ser um dos mais importantes símbolos de identidade. Miranda e Fialho (2017, p. 3) entendem que, valendo-se do significado da cor, corte, textura ou comprimento do cabelo, criam-se imagens de si a serem difundidas no meio social. Dessa maneira, o cabelo pode ser entendido também como uma das partes do corpo constituintes da aparência que permite aos indivíduos e coletivos estabelecerem uma relação subjetiva e autoral com o mundo.

Culturalmente, transformar o cabelo natural é uma forma de subjetivar, apropriar-se da própria aparência e transformá-la, para que ela se torne um elemento de comunicação identitária e relacional. Ao mesmo tempo, deixar de manipular o cabelo por meio do tingimento, por exemplo, também pode ser visto como uma maneira de apropriação simbólica da aparência em termos do estabelecimento de uma relação direta com os sinais do processo orgânico do envelhecimento, como o embranquecimento. O caráter simbólico do ato vem alinhado ao fato de que, em nossa sociedade, o cabelo branco, em especial para as mulheres, é visto negativamente como sinal de desleixo e decadência.

Nessa direção, na atualidade, observa-se que o ato de deixar os cabelos brancos ou grisalhos permanecerem sem intervenção na cor tem se mostrado para as mulheres como uma forma de transgressão da opressão dos padrões estéticos vigentes, que são socioculturalmente construídos. Para Fialho e Miranda (2021, p. 85), na contemporaneidade, uma mulher que assume os cabelos brancos envolve um espectro de

conteúdos simbólicos: “aceitação do envelhecimento, questionamento de padrões engessados de beleza (e da própria beleza como atributo obrigatório em uma mulher), poder feminino de decisão sobre seu próprio corpo e diversos outros”. Segundo Naomi Wolf (1992, p. 11-24), as mulheres vivem sob a pressão do mito da beleza, que é uma obrigação social de manter um tipo de beleza idealizado, composto principalmente por um corpo magro, definido e jovem.

De acordo com o relato do filósofo e psiquiatra Bernardo de Gregório no documentário “Branco & Prata” (2019)¹⁴, segundo a mitologia grega, existe o mito dos espelhos de cobre e de prata. O espelho de cobre é associado à Afrodite, a deusa da beleza, pois ele tem uma espécie de filtro que só reflete o que é belo. Já o espelho de prata é associado à Ártemis, a deusa da lua, que é uma deusa ligada às transformações. O espelho de prata é o espelho que usamos atualmente, o qual mostra a imagem real, nítida, com todos os detalhes, a verdade. Mitologicamente, a transição da faixa etária de uma mulher de cabelos pigmentados, coloridos para os cabelos brancos é feita por Ártemis, a deusa da lua. Martini (2018, p. 77) afirma que “Ártemis representa a lua que ilumina com sua luz as profundezas do escuro céu”. Segundo Gregório, desde a Grécia antiga, associa-se Ártemis à deusa da lua, por ela ter o cabelo branco que traz o prateado, a cor da lua em si. Ainda, o filósofo afirma que as sacerdotisas Celtas diziam que era a coroa prateada da lua que a mulher mais madura e sábia recebia. Para Polo (2021, p. 52), Ártemis é o arquétipo que inspira e representa as qualidades idealizadas pelo movimento feminista. A autora discorre que:

O arquétipo que ela representa procura seus próprios objetivos num terreno de sua própria preferência. Como arquétipo de Deusa virgem, Ártemis não é submissa nem influenciada pelos homens, representa um sentido de integridade, uma-em-si-mesma, permite à mulher agir por conta própria, com autoconfiança e determinação (POLO, 2021, p. 51-52).

A tônica representada por Ártemis da mulher agir com autonomia, sem se influenciar por opiniões externas, fortalece o poder de escolha desse grupo em relação à construção e manutenção da sua aparência, que vai se modificando ao longo do processo de envelhecimento. Nesse cenário, o cabelo é um dos elementos que se transformam durante a trajetória da vida. Para Mauss (1934 apud MIRANDA; FIALHO, 2017, p. 3) os cabelos passam por diversas fases durante a vida de uma pessoa, seja de ordem biológica

¹⁴ Documentário “Branco & Prata” (2019). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DHoQq9ESvss>>. Acesso em: 09/09/2021.

ou cultural. De acordo com Neves (2016, p. 43), “do nascimento à fase adulta, os fios de cabelo frequentemente passam por tonalidades e texturas diferentes: na infância, mais finos e claros, engrossam e mudam de forma na adolescência, e não é raro que se modifiquem também na fase adulta”. Segundo Pandhi e Khanna (2013, p. 644), diferentes tipos de fibras capilares são produzidos ao longo da vida: “lanugem fina não pigmentada no feto ou recém-nascido; cabelo veludo curto (principalmente não pigmentado), ou fino pêlo intermediário pigmentado e terminal longo e grosso das hastes de cabelo no adulto”.

O surgimento progressivo de fios de cabelo branco e grisalho ocorre para a grande maioria dos seres humanos, independente do sexo ou raça. No entanto, de acordo com Pandhi e Khanna (2017, p. 646), a idade do seu surgimento pode variar: “em média, os caucasianos começam a ficar grisalhos em torno dos 30 e poucos anos, os asiáticos no final dos 30 anos e os africanos, em torno dos 40 e poucos anos”. Ainda segundo os autores, o embranquecimento do cabelo ocorre devido ao esgotamento da capacidade regenerativa da pigmentação capilar.

A pigmentação do cabelo humano depende da melanogênese, que é o “processo de síntese da melanina, e sua posterior distribuição do melanócito para o queratinócito” (PANDHI; KHANNA, 2013, p. 642). Segundo os autores, existe uma diferença entre os cabelos grisalhos e os cabelos brancos. Os cabelos brancos não têm melanócitos ou pigmentação, enquanto os cabelos grisalhos, os quais não são tão comuns até a velhice, apresentam alguma cor com melanossomas distribuídos de forma desordenada. Ainda segundo os autores, a genética é o principal fator que influencia o aparecimento dos cabelos brancos e grisalhos, em interação com outros fatores ambientais e estilo de vida (LIMA, 2010, p. 130), como: alimentação (deficiência grave de ferro e cobre e perda crônica de proteína), estresse, tabagismo, uso de medicamentos (cloroquina, mefenesina, feniltioureia, triparanol, fluorobutirofenona, dixirazina) e produtos químicos (medicamentos e óleos).

Em suma, mediante a complexidade e multiplicidade inerentes à construção da aparência, a diversidade humana compartilha semelhanças. Ao longo do processo de envelhecimento, o surgimento do cabelo branco e grisalho é uma delas. No entanto, mesmo diante de manifestações e mudanças de ordem biológicas, próprias da condição humana como espécie, sua capacidade de manipular física e simbolicamente a própria apresentação pessoal e coletiva constituem um fórum de possibilidades de investigação. Neste sentido, o objetivo do presente estudo foi identificar e analisar produção científica nacional e internacional em torno dos termos cabelo branco e grisalho.

Método

O presente estudo trata-se de uma revisão de escopo. Essa modalidade de revisão sistemática de literatura, segundo Arksey e O'Malley (2005, p. 5-7), tem como objetivo mapear os principais conceitos que apoiam determinada área de conhecimento, examinar a extensão, alcance e natureza da investigação, sumarizar e divulgar os dados obtidos e identificar as lacunas de pesquisas existentes. Em geral, é utilizada, especialmente, para assuntos que possuem pouca produção científica ou mesmo para se verificar a robustez da produção acerca do tema de interesse (Tricco *et al.*, 2018a).

A realização de uma revisão de escopo é composta pelas seguintes etapas: 1) Definição e alinhamento do(s) objetivo(s) e (s) questão(ões) de pesquisa; 2) Desenvolvimento e alinhamento dos critérios de inclusão com o(s) objetivo/pergunta/s da pesquisa; 3) Descrição da abordagem planejada para busca de evidências, seleção, extração de dados e apresentação de evidências; 4) Busca das evidências; 5) Seleção das evidências; 6) Extração das evidências; 7) Análise das evidências; 8) Apresentação dos resultados; 9) Resumo das evidências em relação ao objetivo da revisão, tirando conclusões e observando quaisquer implicações das descobertas (Tricco *et al.*, 2018b, p. 1-2).

Para o desenvolvimento da investigação foram adotados os critérios estabelecidos pelo Instituto Joanna Briggs (JBI), bem como os Itens de Relatório Preferidos para Revisões Sistemáticas e Extensão de Meta-análises para Revisões de Escopo – PRISMA-ScR (2018). A JBI é um instituto de pesquisa de origem australiana considerado referência em âmbito internacional no desenvolvimento de processos de sistematização da produção científica e disseminação de informações baseadas em evidências (AROMATARIS; MUNN, 2020). Já o PRISMA-ScR, segundo Tricco *et al* (2018a), é um guia produzido por especialistas em transparência e qualidade de dados em pesquisas. De acordo com Peters *et al* (2020, p.), ele é considerado uma das principais ferramentas recomendadas pela JBI para o desenvolvimento, registro e divulgação de revisões de escopo.

Para a formulação da questão norteadora da pesquisa, seguindo as recomendações da JBI (Peters *et al.*, 2020), utilizou-se a estrutura mnemônica População/Participantes, Conceito e Contexto (PCC). A questão que guiou esta revisão foi: “qual o conhecimento em torno dos termos cabelo branco e grisalho presentes na produção científica nacional e internacional?”. A partir da questão norteadora, tem-se que a População/Participantes são

peças de cabelo branco e grisalho; o Conceito cabelo branco e grisalho; e o Contexto a produção científica nacional e internacional.

A revisão desenvolvida neste estudo envolveu o levantamento de produção científica sobre o referido tema em bases nacionais e internacionais, multidisciplinares e disciplinares, disponíveis no acervo virtual da Universidade de São Paulo, com acesso gratuito. As bases consultadas foram: Academic Search Premier – ASP; AgeLine; Annual Reviews – Coleção de Periódicos; Biblioteca Virtual em Saúde: BVS (BIREME)/MEDLINE/LILACS); DOAJ – Directory of Open Access Journals; EMBASE; JSTOR – Arts and Sciences; MEDLINE Complete; PsycINFO; SAGE Journals; Science Direct; Social Science Research Network (SSRN); Taylor & Francis – Coleção de Periódicos; Web of Science e Wiley Online Library – Coleção de Periódicos.

Os critérios de inclusão envolveram: 1) a identificação dos seguintes descritores no título, resumo e/ou palavras-chave, nas línguas portuguesa e inglesa, respectivamente: cabelo branco/*white hair*, cabelo grisalho/*gray/grey hair* e poder grisalho/ *gray/grey power*; 2) artigos originais; a produção do presente século, no período de 2000 a agosto de 2021. Os critérios de exclusão envolveram: 1) surgimento apenas do resumo; 2) publicações que abordassem cabelo branco e grisalho apenas do ponto de vista biológico; 3) material não disponível em arquivo digital; 4) artigos que não fossem originais e publicados antes de 2000 ou após agosto de 2021.

Inicialmente, foi realizada uma busca e identificação dos resultados, conforme os critérios de seleção, nos meses de junho e agosto de 2021. Nesta etapa, foram selecionados 74 artigos. Desses, foram descartados 38 artigos repetidos. Em seguida, fez-se a leitura flutuante dos 36 artigos restantes e a exclusão daqueles que não atendiam aos critérios de inclusão, restando 26 artigos. Após, realizou-se a leitura integral dos artigos selecionados e a extração, tratamento e análise dos dados, em planilha do Excel, de acordo com os objetivos da pesquisa. Para efeito do presente estudo serão tratados apenas os dados resultantes da identificação e análise dos usos e significados dos termos cabelo branco e grisalho presentes na literatura selecionada.

Com relação às limitações da pesquisa destaca-se que, dentre as prerrogativas da revisão de escopo, a única que não foi atendida foi o levantamento e a extração dos dados por dois pesquisadores independentes, em razão da falta de recursos institucionais de pesquisa. No entanto, a seleção dos 26 artigos foi posteriormente discutida e arbitrada por

um segundo pesquisador especialista na área, tendo em vista os critérios de inclusão e exclusão, conforme recomendam as orientações da técnica.

Resultados

A análise inicial dos 26 artigos selecionados possibilitou identificar que os termos cabelo branco e grisalho são tratados como marcadores biológicos em duas modalidades de usos: tanto sinônimos, como caracterização física de envelhecimento, velhice e ser velho/idoso. Trata-se de trabalhos publicados em um amplo período que cobre a primeira parte do século XX, envolvendo diferentes temas, culturas, contextos e perfis de participantes, além de diferentes áreas do saber.

Os usos linguístico e terminológico dos termos cabelo branco e grisalho, bem como suas derivações, surgem como sinônimo nos estudos de Davidson (2005); Dumbrell, Durst & Diachun, (2007); Arentze, *et al.* (2008); Borowski, *et al.* (2008); Rattso & Sorensen (2010); Tootelian & Varshney (2010); Baert *et al.* (2016); Van Ancum *et al.* (2018); Vlandas (2018); Chrisp & Pearce (2019). Como exemplo, Arentze *et al.* (2008, p. 614), ao tratarem sobre padrões de viagem de idosos, os denominam, inclusive no título do trabalho, de cabelo grisalho (*gray hair*, no original). Por sua vez, nos estudos de Davidson (2005, p. 1180), no Reino Unido e de Borowski *et al.* (2008, p. 471), na Austrália, observa-se os termos, respectivamente, voto cinza (*grey vote*, no original) e poder grisalho (*gray power*, no original) igualmente em substituição a idosos e velhice, porém no contexto político.

Van Ancum *et al.* (2018, p. 29) recrutam os participantes da pesquisa em um evento denominado Grey Power debates, envolvendo um conjunto de aulas visando promover o envelhecimento saudável e ativo. Para além do que de fato representam, constituem-se como expressões identificatórias homogeneizantes e universalizantes, tanto de termos cujas definições têm peculiaridades, como de indivíduos e circunstâncias que tratam de domínios, condições e questões singulares.

Nos outros 16 estudos cabelo branco e grisalho surgem como elementos da caracterização física de envelhecimento, velhice e ser velho/idoso (LICHTENSTEIN *et al.*, 2003; ROBINSON *et al.*, 2007; WINTERICH, 2007; GUNN *et al.*, 2009; SANTOS; TURA; ARRUDA, 2011; COMBS, 2013; JO *et al.* 2013; MENDES *et al.* 2013; PIQUERAS, 2014; MARI, *et al.*, 2016; BOURET, 2017; EFTEKHARI *et al.*, 2018; MOTA *et al.*, 2018; PAGANI, 2018; ARAUJO, 2019; CECIL, 2021). Destaca-se um

trecho do estudo de Mendes *et al.* (2013, p. 3448). Segundo dois adultos entrevistados na pesquisa: “Envelhecimento é chegar a um tempo onde perdemos as forças, perdemos o apetite e os cabelos ficam cada vez mais brancos (...)”. Outro completa: “(...) ser idoso é saber que está chegando a idade de ficar bem velhinho, com cabelos brancos e andar devagar (...). Lichtenstein *et al.* (2003, p. 843-844) observam o mesmo uso por parte das crianças participantes do estudo quando questionados sobre o envelhecimento e as pessoas idosas. Piqueras (2014, 143-150) igualmente identifica o mesmo recurso ao analisar as protagonistas de dois livros da romancista britânica Doris Lessing. Em ambos os casos os cabelos brancos compõem as caracterizações de envelhecimento e velhice.

No conjunto das publicações selecionadas, ainda foi possível identificar a edificação de significados entendidos como positivos e negativos, frente aos respectivos usos que os termos cabelos branco e grisalho engendram. Em nove artigos observa-se a presença dos significados positivos (DAVIDSON, 2005; DUMBRELL; DURST; DIACHUN, 2007; BOROWSKI *et al.* 2008; TOOTELIAN; VARSHNEY, 2010; RATTSO; SORENSEN, 2010; EFTEKHARI *et al.* 2018; VLANDAS, 2018; VAN ANCUM *et al.*, 2019; CHRISP; PEARCE, 2019). Em outros sete prevalecem significados negativos (GUNN *et al.*, 2009; SANTOS, TURA; ARRUDA, 2011; COMBS, 2013; Jo, 2013; MENDES *et al.*, 2013; BAERT *et al.*, 2016; MOTA *et al.*, 2018) e em nove publicações surge um diálogo entre ambas as qualificações (LICHTENSTEIN *et al.*, 2003; ROBINSON *et al.*, 2007; WINTERICH, 2007; PIQUERAS, 2014; MARI, *et al.*, 2016; BOURET, 2017; PAGANI, 2018; ARAUJO, 2019; CECIL, 2021). Os significados constituem atribuições simbólicas que, apesar de polarizadas, se sobrepõem e contrapõem, sejam elas entendidas como negativas, ou positivas.

Significados positivos

A análise dos significados atribuídos aos cabelos brancos e grisalhos considerados positivos ao longo dos artigos selecionados identificou as seguintes associações: independência, autonomia e poder; libertação; autenticidade e vantagens sociais.

Independência, autonomia e poder

Os termos cabelo branco e grisalho são utilizados para caracterizar fisicamente o idoso ativo, independente e saudável, que dispõem de condições físicas e psicológicas para realizar suas atividades de forma autônoma em três trabalhos. Robinson *et al.* (2007) desenvolveu uma pesquisa sobre a forma como os personagens idosos são retratados nos

filmes da Disney. Apontou que “93% tinham cabelos grisalhos ou brancos” (p. 208) e que “o estado de saúde dos personagens mais velhos é principalmente bom (73%) e a grande maioria mostraram-se fisicamente ativos ou muito ativos (89%)” (p. 208). Já Eftekhari *et al* (2018, p.154-156) pesquisaram os conceitos de velhice e as imagens utilizadas para retratar os idosos, em termos físicos, presentes nos livros didáticos das escolas primárias no Irã. Os resultados da pesquisa indicaram que os livros didáticos retratam os idosos como “aqueles com rugas (52,1%), cabelos grisalhos ou brancos (44,4%), estatura ereta (57%) e mantêm boa saúde física (43%). Esses idosos são saudáveis (73,2%) e independentes (72,5%)” (p. 154). Lichtenstein *et al.* (2003) realizaram um estudo com crianças do ensino médio, a fim de identificar quais eram suas crenças em torno das características do envelhecimento, o que envolvia os cabelos brancos. Os resultados indicam que as crianças apresentam uma visão positiva sobre o futuro na velhice, relacionada ao senso de autonomia.

Nessa linha, outros 10 estudos associam os cabelos branco e grisalho com poder na meia idade e na velhice, caminho da promoção da autonomia aos idosos. As pesquisas de Davidson (2005); Borowski, *et al.* (2008, p. 458-471), Rattso e Sorensen (2010, p. 222-231), Vlandas (2018, p. 514-542) e Chrisp e Pearce (2019) relatam que os idosos possuem poder político, adquirido por meio do voto. Ainda, indicam que o voto dos idosos pode ser capaz de decidir uma eleição. Além do poder político, Vlandas (2018, p. 514-542) também destaca o poder econômico. Tootelian e Varshney (2010, p 57-63) afirmam que os idosos, especialmente na condição de avós e avôs, representam uma fonte de renda relevante a ser explorada pelo marketing. Palacios (2007, p. 787) completa que as novas práticas específicas de consumo do público idoso acabam por instaurar novos nichos de mercado. Dumbrell, Durst e Diachun (2007, p. 950) apontam sobre o reconhecimento positivo em torno da expressão poder grisalho, que traduz o valor e a valorização em ser idoso. Por fim, Van Ancum *et al* (2019, p. 29) relatam que o exercício do poder na velhice está associado a um envelhecimento ativo e saudável.

Libertação

Segundo os estudos de Winterich (2007), Piqueras (2014), Pagani (2018) e Araujo (2019), o ato das mulheres deixarem o cabelo branco e grisalho, ao longo do envelhecimento, representa uma libertação dos padrões estéticos construídos socialmente. Estes são contornos socioculturais que imperam, principalmente, sobre elas.

Araujo (2019, p.130-143) realizou um estudo sobre publicações em ambientes virtuais envolvendo a adoção dos cabelos brancos e grisalhos por parte das mulheres. Em 2017, identificou uma matéria no website *50 e mais* intitulada: “Boas histórias de libertação e de aceitação dos cabelos brancos”¹⁵. Segundo a autora, a publicação indica que assumir o cabelo branco pode ser considerado como um ato libertador para as mulheres, principalmente em relação ao processo de tingimento, que é percebido por elas como algo aprisionador. Ainda segundo Araújo (2019, p. 138), em matéria de 2015¹⁶ identificou-se a necessidade de uma revolução por meio dos cabelos brancos com o intuito de evitar a escravidão das tintas. Para Winterich (2007, p. 65), assumir os cabelos brancos e grisalhos relaciona-se também com o perfil de mulher que está sendo tratada. Entre os perfis de mulheres consideradas marginalizadas, como as negras e as lésbicas, há maior propensão e liberdade para adotar os cabelos brancos e grisalhos pelo motivo de já se sentirem excluídas de outros padrões sociais de beleza e comportamento normativos.

Pagani (2018, p. 83) discorre que a atriz italiana Eleonora Duse, ao desenvolver a caracterização da personagem Rosalia para o filme *Cenere*, como um ato de oposição, liberdade e resistência aos padrões estéticos de beleza, manteve seu cabelo branco. O objetivo foi proteger sua imagem e carreira teatral como anti-diva. Neste sentido, Pagani (2018, p. 83) aponta que a atriz assumiu os fios de cabelo branco porque não queria esconder a sua idade ou disfarçar os sinais de envelhecimento, significado este associado, igualmente, ao senso de autenticidade, tratado a seguir.

Autenticidade

Nos estudos de Winterich (2007), Pagani (2018), Piqueras, (2014) e Araujo (2019) identificou-se que as pessoas que assumem a aparência do cabelo branco e grisalho, especialmente as mulheres, demonstram que aceitam as mudanças tratadas como naturais do processo de envelhecimento.

O estudo de Cecil (2021, p. 9-10) discute o conceito de autenticidade. Trata-se de uma pesquisa realizada com mulheres a partir dos 30 anos de idade, de diversos países. O resultado da pesquisa indica que a noção de autenticidade se relaciona com a de identidade, uma motivação para as mulheres assumirem o cabelo branco e grisalho.

¹⁵ SANTANA, Maya. Boas histórias de libertação e de aceitação dos cabelos brancos. *50emais*. 19 jul. 2017. Disponível em: <http://www.50emais.com.br/page/3/?s=cabelos+brancos>. Acesso em: 1 out. 2018.

¹⁶ SANTANA, Maya. Precisamos fazer a rebelião dos cabelos brancos. *50emais*. 25 abr. 2015. Disponível em: <http://www.50emais.com.br/page/3/?s=cabelos+brancos>. Acesso em: 1 out. 2018.

Segundo a autora, as mulheres querem ter uma aparência natural, autêntica e alinhada com as mudanças que ocorrem com o envelhecimento. Ainda de acordo com o estudo, as mulheres têm vergonha de parecerem falsas e mais velhas ao assumirem o cabelo colorido artificialmente. De acordo com Neves (2016, p. 53), a apresentação social do cabelo branco significa “assumir, para si mesma, um ‘eu verdadeiro’, antes escondido”.

Vantagens sociais

Os estudos de Mari, *et al.* (2016), Cecil (2021), Bouret (2017), Robinson (2007), Piqueras (2014) e Araujo (2019) apontam que assumir os cabelos branco e grisalho traz benefícios. De acordo com Cecil (2021, p. 10-11), as mulheres que adotam os fios de cabelo naturalmente brancos e grisalhos se sentem mais respeitadas e simbolizam sabedoria e confiança. Consequentemente, as pessoas acabam se aproximam mais delas. Na mesma linha da sabedoria como uma vantagem social, Robinson (2007, p. 206-207) destaca que a sabedoria é um traço comum dos personagens idosos retratados nos filmes da Disney.

A visibilidade alcançada por meio da valorização da sabedoria atribuída aos cabelos brancos e grisalhos funciona às avessas quando o assunto se trata de apreciação estética. Juntamente com Piqueras (2014, p. 147), Cecil (2021, p. 10-11) ainda avalia que a invisibilidade que os cabelos brancos e grisalhos imprimem na aparência para o público feminino pode ser entendido como algo positivo, uma vez que se sentem menos pressionadas a performar as normas, valores, crenças e expectativas em torno da apresentação pessoal.

Neste sentido, Bouret (2017, p. 273) também afirma que as mulheres de cabelo branco e grisalho se sentem menos expostas aos olhares masculinos ofensivos, especialmente no universo profissional, posto que não parecem mais atraentes. Ou seja, segundo o estudo, o fato é percebido como uma vantagem no ambiente de trabalho, uma vez que as mulheres deixam de ser vistas como objeto sexual e podem demonstrar a sua competência profissional. De acordo com Neves (2016, p. 71), “profissionalmente, algumas mulheres associam o cabelo branco a uma ocasião em que foram valorizadas por uma imagem de experiência e solidez”. No entanto, Araujo (2019, p. 138) aponta que a adoção do cabelo branco e grisalho pode ser um ato benéfico de diferenciação entre mulheres mais jovens e *fashionistas*, que muitas vezes o adotam de forma artificial para atenderem às tendências de moda.

Por fim, Mari, *et al.* (2016, p. 37) discutem que outro benefício que os cabelos brancos e grisalhos simbolizam é a maior possibilidade de investimentos na espiritualidade. Percebe-se que, no caso dos idosos nesta condição, há mais disponibilidade para o desenvolvimento espiritual, considerando que não precisam mais investir em conquistas materiais.

Significados negativos

A análise do material selecionado indicou um conjunto de estudos cujos significados de cabelo branco e grisalho, enquanto marcadores biológicos do envelhecimento, da velhice e dos velhos/idosos, surgem a partir de uma perspectiva considerada negativa. Dentre as noções associadas, encontram-se: negação; decadência; perdas e estereótipos.

Negação

Nos estudos de Winterich (2007), Gunn *et al.* (2009), Jo (2013), Araujo (2019) e Cecil (2021) observa-se que o ato de tingir o cabelo branco é visto como uma forma de negação não apenas da cor do fio, mas também do processo de envelhecimento. Winterich (2007, p. 52) discorre que as mulheres que pintam seus cabelos brancos e grisalhos aceitam a cultura dominante que impera sobre a aparência, relacionada ao culto à juventude eterna e à negação do envelhecimento. Dessa maneira, as mulheres pintam os seus cabelos com o intuito de parecerem mais novas do que realmente são e, portanto, não se sentem prejudicadas no cumprimento das expectativas sociais. Para Gunn *et al.* (2009, p. 5), as características fundamentais presentes na percepção de quão velha uma mulher aparenta ser são a pele enrugada, o cabelo branco e a altura dos lábios.

Os estudos de Cecil (2021, p. 8) e Araujo (2019, p.132) apontam uma outra forma de negação em relação ao cabelo branco e grisalho: as mulheres que adotam os fios de cabelo branco e grisalho acabam realizando compensações. Apesar de aparentemente assumirem um dos sinais do envelhecimento, elas compensam os possíveis prejuízos associados com outros recursos de manipulação da aparência, sentindo-se assim ainda inseridas nos padrões estéticos de beleza normativos. Segundo Cecil (2021, p. 8-9), os mecanismos de compensação tratam da preocupação excessiva com o que é considerado boa aparência, por meio do uso de roupas com cores vibrantes, modernas e joviais; do corte de cabelo moderno; maquiagem e cosméticos anti-idade. Neves (2016, p. 64) afirma

que “o ‘bom corte’ e o ‘corte jovial’” são requisitos para a manutenção ou resgate da beleza de quem exibe os grisalhos”.

Decadência

O sentido da decadência, associado aos cabelos brancos e grisalhos, surge nos estudos de Lichtenstein *et al.* (2003), Robinson *et al.* (2007), Santos; Tura e Arruda (2011), Mendes *et al.* (2013), Mari, *et al.* (2016), Bouret (2017), Mota *et al.* (2018), Araújo (2019) e Cecil (2021). Em alguns desses trabalhos (LICHTENSTEIN *et al.*, 2003; ROBINSON *et al.*, 2007; SANTOS; TURA; ARRUDA, 2011; MENDES *et al.* 2013; MARI, *et al.*, 2016; MOTA *et al.*, 2018) os termos cabelo branco e grisalho são utilizados para indicar declínio físico.

Santos, Tura e Arruda (2011, p. 497-509) realizaram um estudo com estudantes do 2º ano do ensino médio de uma instituição federal de ensino no Rio de Janeiro, a fim de identificar as suas crenças relacionadas ao processo de envelhecimento e ao idoso. Os resultados revelaram algumas características que indicam mudanças na aparência e declínio físico, como: cabelo branco, rugas, doenças, bengala, antigo, remédio, dificuldades, morte, acabado, óculos, tempo e idade. Um idoso atendido na Estratégia de Saúde da Família em João Pessoa, no Estado da Paraíba, ao ser entrevistado por Mendes (2013, p. 3448) afirmou que: “envelhecimento é chegar a um tempo onde perdemos as forças, perdemos o apetite e os cabelos ficam cada vez mais brancos”. Mota *et al.* (2018, p. 118-126) realizaram uma pesquisa com adolescentes de uma escola estadual de nível médio em Fortaleza-Ceará. Os autores concluíram que a compreensão dos alunos acerca do envelhecimento relaciona rugas e cabelos brancos com “doenças, cuidados e morte” (p. 125).

Os estudos de Araújo (2019, p. 137) e Cecil (2021, p. 7) indicam que as mulheres que adotam os cabelos brancos e grisalhos socialmente podem transmitir uma imagem de decadência. Araujo (2019, p. 137-139) discorre que em três publicações midiáticas sobre a temática aparecem a visão de que o cabelo branco remete à desleixo, relaxamento e falta de autocuidado.

Perdas

Segundo os estudos de Piqueras (2014, p. 148), Cecil (2021, p. 7-8) e Araujo (2019, p. 140), assumir o cabelo branco e grisalho pode promover perda de atratividade sexual, perda de competência profissional e a diminuição da autoestima. Piqueras (2014,

p. 146) discorre sobre a protagonista de um dos livros que analisa em seu artigo. Sara é uma escritora de sessenta e cinco anos que se apaixona por dois homens mais novos, um ator de 26 anos e um diretor de meia idade. Ela acaba não se relacionando com nenhum dos dois. A partir das suas percepções a respeito das mudanças ocorridas no seu corpo ao longo do processo de envelhecimento, Sara não identifica o seu corpo como sexualmente atraente, embora se sinta sexualmente interessada. No final do livro, ela adota os cabelos brancos como um sinal da sua invisibilidade sexual.

Cecil (2021, p. 6) afirma que a competência está relacionada com a concepção de juventude que cultivamos. Portanto, as pessoas mais velhas, e principalmente as mulheres de cabelos brancos e grisalhos, são julgadas como incompetentes. Araujo (2019, p. 140) aponta que uma matéria publicada no website Modice¹⁷, em 2017, indica que a adoção do cabelo branco e grisalho pode levar à diminuição da autoestima. A autora questiona se o motivo seria a confirmação do envelhecimento ou da perda da juventude, reiterando a cobrança social pelo desempenho dos padrões estéticos vinculados às noções de boa aparência.

Estereótipos

O estudo de Combs (2013, p. 275) e Pagani (2018, p. 83) indicam que o cabelo branco e grisalho está associado a construção de estereótipos que homogeneizam as experiências. Combs (2013, p. 274-278) realizou uma revisão histórica sobre as primeiras-damas dos Estados Unidos. A autora identificou que Bárbara Bush foi a única, dentre elas, que adotou o cabelo grisalho. Avança dizendo que ela era vista socialmente como “uma dona de casa, matriarca de figura completa, despretensiosa, a avó de todos, muito grisalha, amigável, digna e uma tigresa que também pode atacar, quando quiser” (p. 275).

Araujo (2019, p. 137) discorre sobre uma das matérias analisadas em sua pesquisa, publicada em 2013 no Portal 50emais¹⁸, sinalizando sobre o discurso de que as mulheres que deixam seus cabelos brancos apresentam as características de bom humor e personalidade forte. Percepções generalizadoras, mesmo que adjetivando positivamente

¹⁷ Em paz com o cabelo branco: como assumir o visual grisalho e levar a autoestima lá pra cima. *Modices*, 7 ago. 2017. Disponível em: <https://www.modices.com.br/beleza/cabelo-branco-como-usar-grisalho/>. Acesso em: 3 out. 2018.

¹⁸ SANTANA, Maya. Ainda jovem, elas estão assumindo cabelos brancos. *50emais*. Disponível em: <http://www.50emais.com.br/ainda-jovem-elas-estao-assumindo-os-cabelos-brancos/>. Acesso em: 1 out. 2018.

as mulheres, acabam por criar, igualmente, estereótipos homogeneizadores e unilaterais, que envolvem inclusive as próprias mulheres que decidem assumi-los.

Discussão

Os usos e significados em torno dos cabelos brancos e grisalhos oportunizam um conjunto variado de reflexões e oportunidades de pesquisa, conforme demonstrou a análise aqui proposta dos artigos 26 selecionados. Para além de tratar o cabelo branco e grisalho como marcadores biológicos, sinônimo e caracterização física de envelhecimento, velhice e ser velho/idoso, a pesquisa igualmente indica o quanto essas três concepções, entre si, ainda são percebidas como substituíveis na contemporaneidade. Certamente, a falta da apropriação e congraçamento de claras definições ocasionam um leque de interpretações diversas que coexistem, aqui indicadas pelos diferentes significados vistos como positivos e negativos, produzidos e decorrentes desse contexto. O conjunto concomitante e processual de ganhos e perdas que edificam o envelhecimento (Neri, 2006, p. 19) certamente corrobora para a complexidade das possibilidades de simbolização dessa experiência humana.

Santana e Santos (2005, p. 204) afirmam que o envelhecer é permeado por dicotomias: “o velho versus o idoso, a aceitação versus a negação da velhice, com os seus elementos sobre o que é desejado versus o que não é desejado na velhice”. Para os autores, essa polarização trava tensões e conflitos entre si, ora atraindo, ora repelindo. Ainda, concluem que a construção do imaginário do envelhecer trás desfechos na construção e compreensão das aparências e dos cursos de vida.

Conforme presente na literatura analisada, a discussão alcança com mais veemência o universo feminino. Na atualidade, no entanto, Fialho e Miranda (2021), ao discutirem em sua obra sobre mulheres grisalhas, avaliam sobre novas bases esses embates simbólicos. Segundo os autores, a aceitação do processo se faz presente entre as participantes da pesquisa que realizaram, indicando que quando: “assumem o cabelo branco e grisalho relatam a vontade de viver melhor e com mais qualidade de vida o processo de envelhecimento” (p. 447). Ou seja, as mulheres grisalhas disseram que se sentem mais autênticas com os cabelos brancos e que o processo de transição para o grisalho foi um reencontro, uma descoberta, não apenas de uma nova imagem, mas de uma nova pessoa. Assim, assumir o cabelo branco pode ser entendido como uma forma de (re)construir e ressignificar a própria identidade. Dessa maneira, segundo os autores,

a prática parece desafiar a negação da velhice que, no caso da aparência, passa pela camuflagem da idade por meio de inúmeros artifícios. Completam que sob a naturalidade do ato de pintar os cabelos recai um conjunto de motivações contra as tentativas de parecer o menos longe possível do referencial construído de beleza, que está ligado à eterna juventude.

O tema do cabelo branco e grisalho como forma de caracterização da velhice, marcada pela perspectiva das mudanças na aparência e subsequente declínio físico, alinha-se a pesquisa de Dias, Paúl e Watanabe (2014, p. 127). Os autores afirmam que a velhice é uma fase etária representada socialmente nas mídias por declínio e finitude. Neste sentido, Kreamer (2006, p. 63) afirma que o ato de não tingir o próprio cabelo pode ser interpretado socialmente como sinônimo de autonegligência. O senso de decadência, por sua vez, promove a invisibilidade. Em pesquisa realizada por Morando *et al.* (2018, p. 23), buscou-se entender o estigma que relaciona velhice a uma fase etária ruim, constituída por “perdas progressivas, declínio físico e mental com consequente dificuldade de novas aprendizagens e o advento de doenças incapacitantes que restringem a participação sociopolítica e vivência do prazer nos variados âmbitos da vida”.

Dessa forma, a produção ainda precisa avançar, tanto em termos de volume, como problematização das diversas realidades que circulam os usos e os significados dos termos cabelo branco e grisalho.

Considerações finais

O envelhecimento se dá ao longo da vida e resulta da combinação de componentes biológicos, psicológicos e socioculturais. Os significados em torno desse processo e os seus usos são construídos historicamente e variam de acordo com cada sociedade e cultura. Esse processo promove diversas mudanças na aparência dos indivíduos. Tais mudanças podem ser marcadas, especialmente, pelo aparecimento de fios de cabelo branco e grisalho, que podem surgir a partir de diferentes idades.

A revisão de escopo nacional e internacional realizada possibilitou selecionar 26 publicações. Para efeito do presente estudo, foram identificados e organizados os usos e os significados dos termos cabelo branco e grisalho, bem como agrupados os significados decorrentes, de caráter dicotômico e que se sobrepõem e contrapõem, simultaneamente.

A análise da totalidade dos artigos indicou que em 10 trabalhos os termos cabelo branco e grisalho, bem como seus derivados, são utilizados como sinônimos de

envelhecimento, velhice e ser velho/idoso. Nos 16 restantes, ambos os termos se apresentam como um recurso para caracterizar fisicamente o envelhecimento, a velhice e as pessoas velhas/idosas, especialmente a partir da percepção dos participantes das pesquisas.

Dessas duas modalidades de usos derivam dois conjuntos de significados, percebidos, respectivamente, como positivos e negativos. Os primeiros surgem em nove artigos, seguidos por sete artigos envolvendo os negativos. Em nove trabalhos observa-se uma discussão mais complexa e integradora em torno das percepções e dos significados do processo de envelhecimento e dos idosos como membros integrantes da fase denominada velhice. Os significados positivos perpassam as noções de independência, autonomia e poder; libertação; autenticidade; e vantagens sociais. Já entre os significados entendidos como negativos identificou-se associações da adoção do cabelo branco e grisalho com negação, decadência, perdas e estereótipos. No entanto, no conjunto do conhecimento analisado, os respectivos usos e significados, mesmo que polarizados, se sobrepõem e contrapõem na edificação da produção.

Dada a complexidade humana e a heterogeneidade das experiências do envelhecer, observou-se que a tônica aceitação-negação impressa na noção de envelhecimento está sujeita a tensões, conflitos e novas possibilidades identitárias. A dinâmica relação entre perdas e ganhos, que arquitetam o curso do processo de envelhecimento, abre possibilidades, interpretações, sentidos e formas de existir muito singulares, mesmo que calcadas em contextos socioculturais e históricos específicos.

Nessa direção, no que tange a adoção do cabelo branco e grisalho, a condição feminina surge como o principal alvo e agente em torno da constituição, usos e atualização do imaginário do envelhecimento. A manutenção das crenças e o rompimento dos padrões de beleza normativos, o exercício da autoestima e do autocuidado, bem como o senso de pertencimento, medem forças com o ainda objeto de consumo e intermediação da construção da aparência nas relações contemporânea, que é o mito da juventude eterna. A discussão e investigação sobre o cabelo branco e grisalho, especialmente entre as mulheres, apresenta-se como uma plataforma de produção de conhecimento profícua em diversas direções como, por exemplo, a defesa da heterogeneidade feminina.

Referências

ARAÚJO, Denise Castilhos de. A revolução grisalha: mulheres (re) sematizando signos do envelhecimento. *Revista Dobras*, v. 12, n. 25, abr. 2019, p.130-143.

ARENTZE, Theo. *et al.* More gray hair - but for whom? Scenario-based simulations of elderly activity travel patterns in 2020. *Transportation*, v. 35, maio 2008, p. 613-627.

ARKSEY, Hilary & O'MALLEY, Lisa. Scoping studies: towards a methodological framework. *International Journal of Social Research Methodology*, v. 8, n. 1, 2005, p. 19-32.

AROMATARIS, Edoardo & MUNN, Zachary. (Eds.) *JBI manual for evidence synthesis*. JBI. 2020.

BAERT, Stijn. *et al.* Getting grey hairs in the labour market. An alternative experiment on age discrimination. *Journal of Economic Psychology*, v. 57, dez. 2016, p. 86–101.

BOROWSKI, Allan. *et al.* Elder participation and senior power in Australian electoral politics. *Journal of Aging & Social Policy*, v. 20, n. 4, out. 2008, p. 458-73.

BOURET, Ulpuukka Isopahkala (2017). “It’s a great benefit to have gray hair!”: The intersection of gender, aging, and visibility in midlife professional women’s narratives. *Journal of Women & Aging*, v. 29, n. 3, 2017, p. 267-277.

CECIL, Vanessa. *et al.* Gendered ageism and gray hair: must older women choose between feeling authentic and looking competent? *Journal of Women & Aging*, abr. 2021, p. 1-16.

CHRISP, Joe & PEARCE, Nick. Grey power: towards a political economy of older voters in the UK. *The Political Quarterly*, v. 90, n. 4, out.- dez.2019, p. 744-756.

COMBS, Sandra L. (2013). FLOTUS: media darling or monster? *Race, Gender & Class*, v. 20, n. 1-2, 2013, p. 266-280.

DAVIDSON, Scott. Grey power, school gate mums and the youth vote: age as a key factor in voter segmentation and engagement in the 2005 UK general election. *Journal of Marketing Management*, v. 21, n. 9-10, 2005, p.1179-1192.

DIAS, Maria. Angélica Ferreira; PAÚL, Constança & WATANABE, Helena Akemi Wada. Representações sociais de velhice e suas relações com declínio e finitude em comentários e críticas publicados na mídia. *Revista Kairós Gerontologia*, v. 17, n. 1, mar. 2014, p.125-143.

DUMBRELL, Andrea. C.; DURST, Michelle. A. & DIACHUN, Laura. L. White coats meet grey power: students and seniors respond to an “Intergenerational Gala”. *JAGS*, v. 55, n. 6, 2007, p. 948-954.

EFTEKHARI, Zahra *et al.* (2018). A content analysis of the concepts and images of the physical aging primary school textbooks in Iran. *Iranian Journal of Aging*, v. 13, n. 2, 2018, p. 154-156.

ESPÍRITO SANTO, Fátima Helena & CUNHA, Bárbara da Silva e Silva. Envelhecimento e morte na concepção dos idosos e profissionais de enfermagem: uma revisão integrativa. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, v. 15, n. 4, ago. 2012, p.161-174.

FIALHO, Carlo. & MIRANDA, Tatiana. *Grisalhas: identidade e liberdade feminina*. São Paulo: Barn Editorial, 2021. E-book Kindle.

GUNN, David. A. *et al.* Why some women look young for their age. *Plos one*, v. 4, n.12, dez. 2009, p.1-10.

JO, Seong Jin *et al.* The pattern of hair dyeing in koreans with gray hair. *Annals of Dermatology*, v. 25, n. 4, 2013, p. 401-404.

KREAMER, Anne. *Meus cabelos estão ficando brancos, mas eu me sinto cada vez mais poderosa*. São Paulo: Editora Globo, 2007.

LICHTENSTEIN, M. J. *et al.* Sentence completion to assess children's views about aging. *The Gerontologist*, v. 43, n. 6, 2003, p. 839-848.

LIMA, Claudia Feio da Maia & RIVAMALES, Maria da Conceição Costa. Corpo e envelhecimento: uma reflexão. *Revista Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, v. 18, n. 1, 2013, p. 153-166.

LIMA, Margarida Pedroso de. *Envelhecimento(s)*. Imprensa da Universidade de Coimbra: Coimbra, 2010.

MARI, Fernanda Rigoto *et al.* (2016). O processo de envelhecimento e a saúde: o que pensam as pessoas de meia-idade sobre o tema. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 19, n. 1, 2016, p. 35-44.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. (2003). In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p.401-422.

MARTINI, Fátima Regina Sans. Virgem Ártemis: protetora e implacável. *Revista Interdisciplinar Internacional de Artes Visuais*, v. 5, n. 2, jul.-dez. 2018, p. 73-92.

MENDES, Cristina Kátia Torres T. *et al.* (2013). Atendimento para idosos na atenção básica de saúde: representações sociais. *Revista de Pesquisa: cuidado é fundamental online*, v. 5, n. 1, jan.-mar. 2013, p. 3443-52.

MIRANDA, Tatiana & FIALHO, Carlos. Grisalhas: um estudo sobre cabelo, liberdade feminina e “política-vida”. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos). Florianópolis: 2017, p. 1-13.

MORANDO, Eunice Maria Godinho *et al.* O conceito de estigma de Goffman aplicado à velhice. *International Journal of Developmental and Educational Psychology INFAD Revista de Psicología*, v. 1, n. 2, 2018, p. 21-32.

MOTA, Suiany Nascimento *et al.* (2018). Abordagem estrutural das representações sociais de adolescentes sobre envelhecimento e idoso. *Cultura de los cuidados*, n. 50, 2018, p. 118-126.

MOURA, Juliana Martins de. *Raízes da beleza: cabelo como símbolo de representação cultural na sociedade de consumo*. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social e Habilitação em Propaganda e Marketing). Brasília: Centro Universitário de Brasília, 2007.

NERI, Anita Liberalesso. O legado de Paul B. Baltes à psicologia do desenvolvimento e do envelhecimento. *Temas em Psicologia*, v. 14, n.1, jun. 2006, p. 17-34.

NERI, Anita Liberalesso. *Palavras-chave em Gerontologia*. Campinas: Alínea, 2008.

NEVES, Diana Felgueira das. Mulheres de cabelos brancos: reflexões sobre desvio e padrões de feminilidade. In: GOLDENBERG, Mirian. (Org.). *Velho é lindo!*. 1.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 39-78.

NEVES, Rosiane. Novas perspectivas: moda e envelhecimento. *Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura*, v. 2, n. 2, 2020, p. 99-112.

PAGANI, Maria Pia. Eleonora Duse: an actress-manager for the Italian film industry in the 1910s. *Nineteenth Century Theatre and Film*, v. 45, n. 1, 2018, p. 81-95.

PALACIOS, Annamaria da Rocha Jatobá. Fragmentos do discurso publicitário para idosos no Brasil: estratégias de posituação da velhice, novos velhos ou novos mercados de consumo? In: Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação 6. Braga, 2007, p. 787-796.

PANDHI, Deepika & KHANNA, Deepshikha. Premature graying of hair. *Indian Journal of Dermatology*, v. 79, n. 5, set.-out. 2013, p. 641-653.

PETERS, Micah DJ *et al.* (2020). Chapter 11: Scoping Reviews. In *JBI Manual for Evidence Synthesis*, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.46658/jbimes-20-12>. Acesso em: 03/09/2022.

PIQUERAS, Maricel Oró. Female ageing: revising reifungsroman in Doris Lessing's *The summer before the dark and Love, again*. *Revista Odisea*, n. 15, 2014, p. 141-151.

POLO, Thaís Maria Teruel. *Deusas interiores: o sagrado-feminino na fotografia como arte contemporânea*. Monografia (Graduação em Artes Visuais). Bauru: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2021.

PLENS, Joice *et al.* (2012). Envelhecimento, engajamento e aparência: percepções de idosas participantes de um núcleo de convivência de idosos. *Revista Kairós*, v. 15, n. 26, dez. 2012, p. 269- 289.

PRODANOV, Laura Schemes & NUNES, Margarete Fagundes. Narrativas sobre envelhecimento, corpo e moda. *Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales*, 2020, p.1-13.

QUINTÃO, Adriana Maria Penna. *O que ela tem na cabeça?: um estudo sobre o cabelo como performance identitária*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2013.

RATTSO, Jorn & Sorensen, Rune J. Grey power and public budgets: family altruism helps children, but not the elderly. *European Journal of Political Economy*, v. 26, n. 2, 2010, p. 222–234.

ROBINSON, Tom *et al.* The portrayal of older characters in Disney animated films. *Journal of Aging Studies*, v. 21, n. 3, ago. 2007, p. 203–213.

SANTANA, Rosimere Ferreira & SANTOS, Iraci dos. Como tornar-se idoso: um modelo de cuidar em enfermagem gerontológica. *Texto & Contexto Enfermagem*, v. 14, n. 2, jun. 2005, 202-12.

SANTOS, Verônica Braga dos; TURA, Luiz Fernando Rangel & ARRUDA, Angela Maria Silva As representações sociais de pessoa velha construídas por adolescentes. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 14, n. 3, 2011, p. 497-509.

TOOTELIAN, Dennis H. & VARSHNEY, Sanjay B. The grandparent consumer: a financial “goldmine” with gray hair? *Journal of Consumer Marketing*, v. 27, n. 1, 2010, p. 57-63.

VAN ANCUM, Jeanine M. *et al.* Gait speed assessed by a 4-m walk test is not representative of daily-life gait speed in community-dwelling adults. *Maturitas*, 121, mar. 2019, p. 28-34.

TRICCO, Andrea C. *at al.* Prisma extension for scoping reviews (PRISMA-ScR): checklist and explanation. *Research and reporting methods*, 2018a Disponível em: <https://www.acpjournals.org/doi/10.7326/M18-0850> . Acesso em: 16/03/2022.

TRICCO, Andrea. C. *et al.* Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses extension for Scoping Reviews (PRISMA-ScR) Checklist SECTION. *Annals of Internal Medicine*, v. 169, n. 7, 2018b, p. 11-12. Disponível em: https://prisma-statement.org/documents/PRISMA-ScR-Fillable-Checklist_11Sept2019.pdf. Acesso em: 16/03/2022.

VLANDAS, Tim. Grey power and the economy: aging and inflation across advanced economies. *Comparative Political Studies*, v. 5, n. 4, 2018, p. 514-552.

WINTERICH, Julie A. Aging, femininity, and the body: what appearance changes mean to women with age. *Gender Issues*. 24, dez. 2007, p. 51-69.

WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

YOKOMIZO, Patrícia & LOPES, Andrea. Aparência: uma revisão bibliográfica e proposta conceitual. *Revista Dobras*, v. 12, n. 26, 2019, p. 228-244.